

universidade

pública

Ano VIII - Nº 41 - janeiro/fevereiro - 2008



IMPRESSO

Histórias do maior e mais tradicional vestibular do Ceará

Em 3 anos, 179 escolas reformadas, 15 construídas,

36 ampliadas e 14 adquiridas. JUNTOS PODEMOS MAIS.

IPTU *VOCÊ CONTRIBUI,
TODOS GANHAM.*

Fortaleza é de todos. E para que nossa cidade continue crescendo e se tornando cada vez melhor

de se viver, cada um precisa fazer sua parte. Nos últimos três anos, a Prefeitura tem realizado diversas obras e serviços com a ajuda do dinheiro arrecadado com o IPTU. Só na área da educação foram 230 escolas construídas, reformadas ou ampliadas, além de 14 adquiridas. Temos 87 creches funcionando, novos professores foram contratados, todos os alunos da rede municipal de ensino receberam fardamento escolar completo, a merenda escolar está mais nutritiva e aqueles que estudam longe de casa têm transporte escolar gratuito assegurado pela Prefeitura. O IPTU também tem sido uma fonte de recursos fundamental para a saúde, a segurança, o transporte coletivo, a infra-estrutura, entre outras importantes áreas. E isto só é possível com o compromisso de cada um. Ao pagar seu IPTU, você está contribuindo para que todos ganhem uma melhor qualidade de vida. Junto com você, a Prefeitura pode fazer muito mais.

Você pode pagar seu IPTU com 20% de desconto na cota única ou em até 11 parcelas sem desconto. O desconto é exclusivo para contribuintes adimplentes.



CHEGUE JUNTO

*Pague a cota única
com 10% de desconto
até 12 de março*





| SBA |

Plantão Fiscal: **0800.28.00.155**
Atendimento IPTU: **3105.1250**

**Você pode imprimir
seu boleto via internet**
www.sefin.fortaleza.ce.gov.br



Prefeitura de
Fortaleza



A ILHA VERDE - 1957
Acervo do Museu de Arte da UFC - MAUC



“Antes era preciso somente o ângulo visual para se olhar um quadro. Hoje, necessitamos mais que isso: queremos também o ângulo do sentimento. Buscamos olhos não somente na cara, mas também no cérebro e no coração.”
(Antônio Bandeira)

Reitor
Prof. Ícaro Moreira

Vice-reitor
Prof. Jesualdo Farias

Para falar com a UFC
Reitoria

Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7306 - Fax: (85) 3366.7308
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social
e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessora de Imprensa
Carmina Dias

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editora
Ana Rita Fonteles
CE01169JP

Reportagens
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Naara Vale
CE01831JP

Raimundo Madeira
CE01221JP

Fotos
Júnior Panela
CE00100RF

Tiragem
5.000 exemplares

Periodicidade
Bimestral

CTP e impressão
Expressão Gráfica



Nossa Capa

Arte sobre foto de
Júnior Panela

De pensar e rir, de rir e pensar

Ele é o bicho-papão da maioria dos adolescentes que se deparam com o ingresso no Ensino Médio. Está nos sonhos de muitos já crescidos como perspectiva de mudança de vida. Para uns é a chance da esperada ascensão social, primeiro passo para uma carreira de sucesso profissional e financeiro. Para outros, um método injusto que não avalia, mas exclui. Mas independente das representações vinculadas a ele, o vestibular é a porta de entrada existente para o ainda restrito e almejado mundo do ensino superior no Brasil. No contexto da educação pública federal, essa porta ainda se mostra diminuta e difícil de transpor, apesar dos esforços feitos pelo Governo Federal nos últimos anos.

Conscientes da mobilização social desencadeada por essa verdadeira prova dos nove, *Universidade Pública* procurou cruzar elementos da história do mais tradicional vestibular do Estado, o da Universidade Federal do Ceará, com histórias pessoais de quem souu e sua a camisa para ingressar num dos 70 cursos de graduação da UFC. Dedicção, empenho, superação, emoção marcam narrativas de “bichos”, veteranos e profissionais envolvidos na realização da prova. Mas a reportagem de capa, elaborada cuidadosamente por Raimundo Madeira, extrapola o clima de expectativas da divulgação do resultado da última seleção em janeiro. Seu texto traz elementos para pensarmos sobre a validade do método como forma de avaliação, os problemas ainda enfrentados pelo reduzido número de vagas, as formas propostas para evitar essa exclusão e a verdadeira indústria

montada por colégios particulares que exibem, como troféus, em outdoors, jornais e TVs, jovens treinados em turmas “especiais”, em alguns estabelecimentos, pasmem, a partir da sexta série do Ensino Fundamental.

Concorrência a toda prova? Talvez a saída para tamanhos absurdos, além de indignação e protesto, seja rir. Não um riso de dar de ombros, mas de subversão ao que está posto, forma de mostrar que ser

"Independente das representações vinculadas a ele, o vestibular é a porta de entrada existente para o ainda restrito e almejado mundo do ensino superior no Brasil. (...)Essa porta ainda se mostra diminuta e difícil de transpor, apesar dos esforços do Governo nos últimos anos"

o “melhor” e o “maior” está longe das coisas mais importantes da vida. Para nos ajudar nessa tarefa de rir, porque não até de nós mesmos, UP inaugura neste número uma página dedicada ao humor. Inspirados no cotidiano e nas idéias correntes sobre o mundo acadêmico e da ciência, inclusive no senso comum (por que não?), integrantes da Oficina de Quadrinhos, projeto de extensão da UFC, ligado ao curso de Comunicação Social, criaram *Eureka! - o campus em quadrinhos*. As histórias e personagens terão lugar em espaço na

Revista a partir deste número. Uma forma de marcar nosso aniversário de oito anos que se avizinha e de antecipar a reforma do projeto gráfico a ser inaugurado a partir do próximo exemplar. Esperamos que vocês, leitores que nos acompanham por todo esse tempo, gostem da novidade e possam, além de se informar e refletir a partir de nossas matérias, como acontece a cada dois meses, dar ainda boas risadas.

Um abraço e boa leitura.

Ana Rita Fonteles (Editora UP)

07 Entrevista

O pesquisador Expedito Parente, inventor do biodiesel, fala sobre a popularização desse combustível e da luta pelo seu reconhecimento

12 Notas azuis

Última avaliação da pós-graduação da Capes faz 12 cursos da UFC subirem de conceito. Novos doutorados estão a caminho

18 A memória de um símbolo

Personagens que viveram os primeiros tempos da UFC falam sobre um dos prédios mais significativos para a cidade de Fortaleza: a Reitoria, no bairro do Benfica



22 O tamanho do desafio

Proposta da UFC para o Reuni é aprovada integralmente. Parte dos recursos para obras e expansão já está na conta da Universidade



24 "Passei na UFC"

Histórias e reflexões sobre o maior e mais tradicional vestibular do Estado



32 Em terra estrangeira

Intercâmbios feitos pela UFC proporcionam trocas de saberes e experiências culturais novas para alunos e professores em outros países

A vitória da teimosia



Um sítio paradisíaco na região serrana, uma cachoeira de límpidas águas, a sombra de uma ingazeira e de quebra uma cachacinha, porque ninguém é de ferro. Estava montado, no Maciço de Baturité, o cenário em que ocorreria uma das descobertas científicas mais importantes dos últimos tempos: o biodiesel. Isso mesmo. Uma das alternativas mais viáveis econômica e ambientalmente à crise mundial do petróleo teve lugar no Ceará, no início da década de 80.

O cientista ou como ele prefere ser chamado tecnologista Expedito Parente, professor da Universidade Federal do Ceará, já vinha buscando um combustível mais limpo que substituísse o óleo diesel. À frente de seu tempo, não conseguiu convencer as autoridades e fabricantes à época. O mundo não enxergava, ainda, a finitude do petróleo e, no Brasil, o álcool era a menina dos olhos do regime militar, garantido pelo lobby de usineiros. Ele não desistiu e continuou trabalhando em seu invento, já patenteado.

A descoberta que o fez sair da universidade pública e investir na iniciativa privada é resultado paradoxal de uma vida inspirada por sonhos coletivos. Filho de família aristocrata, Expedito fugiu do estereótipo construído para os “bem nascidos” e idealizou um combustível que movesse grandes motores, ajudando assim no deslocamento de muitas pessoas, movendo máquinas agrícolas para a produção de muitos alimentos. Alimentar motores e pessoas, aliás, tornou-se uma só obsessão para o pesquisador. Diante da fome nordestina ele não hesitou em construir sua “Amélia”, a vaca mecânica que produzia leite de soja e fez sucesso em todo o País.

Hoje à frente da empresa TecBio, com 60% do mercado nacional na tecnologia de produção de biodiesel, e prestes a homologar o projeto de bioquerosene, com a parceria da Nasa e da Boeing americanas, ele ainda sonha no plural. O próximo passo é criar sua universidade ambiental, no Maciço de Baturité, mesmo lugar em que idealizou a molécula de seu biocombustível. A história de Expedito prova que um pouco de loucura, ambição e teimosia podem ser ingredientes importantes na produção científica.

(Por Ana Rita Fonteles)

Universidade Pública – Desde primeiro de janeiro existe a obrigatoriedade de adição de dois por cento de biodiesel a todo o diesel consumido no País. Há uma proliferação de usinas no Brasil. Essa realidade, com relação ao combustível, corresponde ao que o senhor imaginava há 30 anos quando fez sua descoberta?

Expedito Parente – Na época, eu tinha certeza de que, em algum momento, esse projeto ia dar certo.

Evidentemente, o detalhe do “dar certo” foge à imaginação. Sabia que ia dar certo pela lógica da proposta que dá um dife-

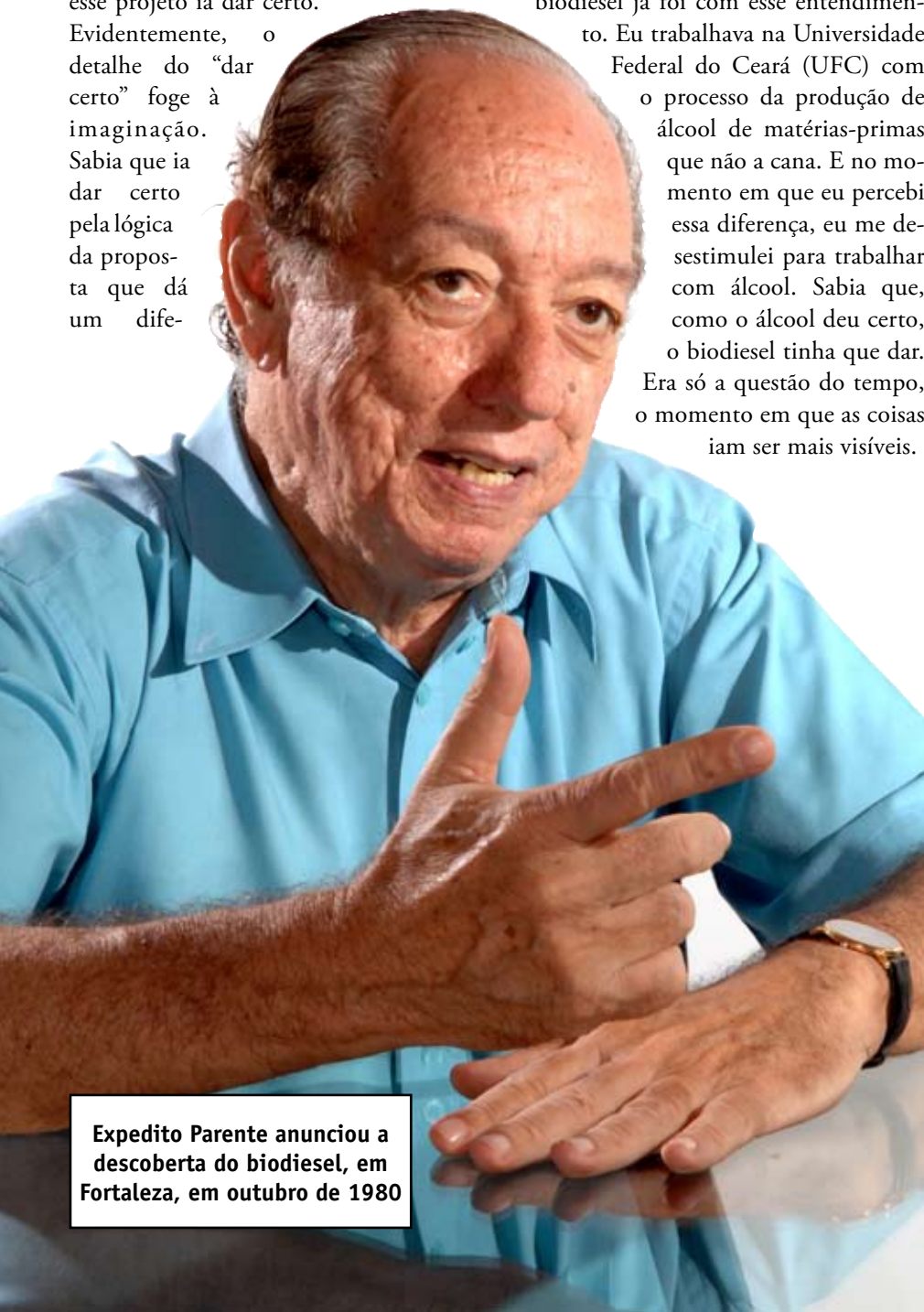
rencial para esse combustível. Primeiro é a relação dele, como biocombustível, com o etanol. O etanol é um combustível solitário. Ele só serve para motores pequenos de veículos de passeio. Já o biodiesel é um combustível coletivo, mais democrático, mais produtivo, porque serve para motores grandes. Abastece ônibus, caminhão, trem, navio, máquinas agrícolas, geradores elétricos. É combustível que tem amplitude de uso muito mais plural.

E a minha própria saída do álcool para o biodiesel já foi com esse entendimento. Eu trabalhava na Universidade

Federal do Ceará (UFC) com o processo da produção de álcool de matérias-primas que não a cana. E no momento em que eu percebi essa diferença, eu me desestimulei para trabalhar com álcool. Sabia que, como o álcool deu certo, o biodiesel tinha que dar. Era só a questão do tempo, o momento em que as coisas iam ser mais visíveis.

UP – Como se deu essa redescoberta do biodiesel pelo Governo Lula, uma vez que essa idéia já havia sido apresentada durante a ditadura militar?

EP – A humanidade não tinha visão mais clara da finitude do petróleo naquela época. Isso era falha geral, pois estava havendo um crescimento exponencial do consumo de energia no mundo. O consumo de petróleo é tão grande que temos risco de uma escassez imediata. Por outro lado, também não havia uma visibilidade dos efeitos danosos do petróleo. Diziam que isso era coisa de futuro. A poluição localizada, as chuvas ácidas, o problema do enxofre, da fuligem. O biodiesel quando misturado ao diesel na proporção de 25% a 30% já é suficiente para eliminar toda a fuligem da descarga do veículo. Esses dois fatores fizeram com que a Europa partisse com o biodiesel. Em 1991, 11 anos após nossa notícia (o biodiesel foi anunciado em Fortaleza no dia 30 de outubro de 1980, com a primeira patente mundial), a Alemanha e Áustria lançaram o biodiesel comercialmente. Um terceiro fator que inibiu o biodiesel foi o etanol, que surgiu como necessidade de mercado e com o lobby dos usineiros de açúcar e álcool. Naquela época, o açúcar estava em baixa no mercado internacional e o álcool combustível foi uma salvação do setor. Esses usineiros que eram os antigos senhores de engenho, treinados em lobby, estavam no parlamento brasileiro. Foi fácil defender o etanol e ninguém queria saber de outra coisa. Tem uma coisa a mais pra gente entender esse ressurgimento do biodiesel: a questão trabalhista. O biodiesel inside sobre a geração de renda no campo e o Lula é um homem que defende o trabalhador. Lula designou 13 ministérios para que cada um deles apresentasse a sua proposta para o Programa Nacional do Biodiesel. O Programa precisa ser aperfeiçoado para cumprir as suas missões básicas: limpar, diminuir a poluição localizada; gerar ocupação e renda no campo e preparar o mundo para uma era pós-petróleo.



Expedito Parente anunciou a descoberta do biodiesel, em Fortaleza, em outubro de 1980

UP – Alguns ambientalistas colocam a preocupação de que a produção de grãos oleaginosos, que servem à alimentação humana, seja desviada para a produção de biodiesel. Como essa distorção pode ser evitada?

EP – Isso não existe. Já participei de alguns fóruns internacionais e tenho sido até duro quando tenho respondido a essa questão. Essa gente do mundo moderno não sabe o que é fome. A fome não é questão de oferta e sim de demanda. Existe a fome não por falta de alimento, mas de dinheiro para comprar o alimento. O que existe na humanidade é desequilíbrio no consumo e desperdício no setor de alimentos agrícolas muito grande. Produzir biodiesel é induzir a produção de alimentos. Um exemplo: da mamona você extrai o óleo, que não é alimentício, é industrial. Esse óleo vai para a produção de biodiesel e a torta vira biofertilizante, natural e aumenta a produtividade agrícola. É alimento que vem aí. Tem gente que diz que é teoria. Não entendem de fome. Eu nasci no país da fome. Graças a Deus nunca a tive. Minha família era de aristocratas e me deu condições de ir à universidade, mas convivi com pessoas com fome. Tanto que no passado eu desenvolvi a vaca mecânica.

UP – Como foi isso, professor?

EP – Tinha proposto o biodiesel em 1980. O projeto não teve visibilidade. E estava havendo uma seca de cinco anos em que vi muita gente com fome. Fiz uma viagem para o interior e vi as pessoas no acostamento do asfalto, pedindo esmola. Aquilo me chocou. Eu disse: “Estou desenvolvendo um combustível, alimento das máquinas. Por que não posso fazer um combustível para gente?” Naquele momento, mudei o nome do projeto. Estava na Escola de Engenharia, na UFC, e queria desenvolver uma máquina que pudesse fazer alimentos fáceis, para crianças, de qualquer matéria-prima alimentícia: sopas, sucos, patês, massas.

Chamei essa máquina de *Amélia*, a mulher de verdade (risos). E (a música) *Amélia* era o hino da Escola de Engenharia. “Engenharia é que é a melhor faculdade” (canta). Como o leite de soja é um suco de soja, chamaram de vaca mecânica (risos). Fiz uma viagem para o Piauí, tirei férias da Universidade, e sai fazendo leite de soja pelo interior. Adentrei a zona dos Inhamuns e fui até a cidade de Picos, no Piauí. Uma vaca dessas alimentava 1.500 crianças por dia. Depois passou para três mil. Fazia 1.500 copos trabalhando oito horas por dia. Botei uma tonelada de soja numa caminhonete e saí.

“O biodiesel é um combustível coletivo, mais democrático, mais produtivo porque serve a motores grandes. Abastece ônibus, caminhão, trem, navio, máquinas agrícolas, geradores elétricos. É combustível que tem amplitude de uso muito mais plural”

UP – O senhor tinha algum tipo de financiamento?

EP – Não, era do meu bolso. Fizemos esse passeio. Quando chegamos em Picos aconteceu um caso muito interessante. O prefeito da cidade anunciou na radiadora que íamos demonstrar uma vaca mecânica que produzia leite de soja. E juntou umas 30 mil pessoas.

UP – 30 mil pessoas?

EP – Mais ou menos. Pra ver essa vaca mecânica fazendo leite. A concepção de cada um era a coisa mais engraçada do mundo. Todo mundo imaginava um negócio parecido com uma vaca. E todo mundo queria experimentar esse leite e ela estava protegida numa casa. E tinha 30 mil pessoas, a cidade inteira, as pessoas das periferias, dos distritos. Todo mundo curioso, invadiram, quebraram as grades, viraram a máquina e quebraram toda a máquina (risos). Terminou a excursão lá. E um jornalista cearense, o Gervásio de Paula, fez uma reportagem belíssima. Ele botou “Amélia no País da Fome”, uma contraposição de Alice no País das Maravilhas. Essa reportagem foi vendida para vários jornais e chegou a São Paulo. E esse negócio me deu um prêmio, o Troféu Bandeirantes. O governador Franco Montoro me convidou para implantar aquele projeto. Montamos uma vaca mecânica em cada município de São Paulo. E foi um sucesso absoluto. Chegamos a alimentar três milhões de crianças carentes só lá. E a coisa expandiu para outros estados. No entanto, teve uma falha. Foi implantado nas prefeituras. Com o prefeito que implantava, estava tudo bem. Quando outro assumia, abortava o projeto. Deve existir um inferno especial para essa gente (risos).

UP – Como era o ambiente de pesquisa nessa época na UFC?

EP – Na Universidade, antigamente – porque hoje em dia mudou – tudo que você fizesse para fora é como se fosse uma desonestidade. Foi impressionante como fui acusado de não estar cumprindo com deveres integrais. Eu passei por cima de tudo isso porque a minha consciência era o que valia. Nunca faltei uma aula na minha vida. E nunca deixei de ser homenageado por todas as turmas, sem exceção. E para dar agilidade ao biodiesel, eu tive que levar o projeto para uma empresa. Fui criticado. Mas tinha que sair da Uni-

versidade. Não tinha nenhuma verba para isso. Conseguir esses recursos dependia de uma série de mecanismos, de burocracias. Um projeto desses, você tem que ter dinamismo muito forte e relação muito ágil com os fabricantes de motores, com o pessoal da área de energia, não só no Brasil, mas fora. Precisávamos fazer amostras absurdamente grandes desses combustíveis. Isso, até hoje, não é possível fazer inteiramente dentro de uma universidade. Hoje, talvez a Tecbio seja a empresa que mais oferece estágios para alunos da UFC. A Tecbio é a maior fornecedora

de plantas de biodiesel do País, longe da segunda. Sessenta por cento do mercado nacional é nosso; 40% são os outros e cada fábrica que a gente monta emprega pelo menos oito profissionais de ensino superior de diversas áreas. Temos relação muito boa com a área de pesquisa com a UFC e outras universidades. Temos patrocinado bolsas de pós-graduação, contribuído com ajudas. A gente nunca deixou de divulgar a UFC.

UP – A sua narrativa sobre a descoberta do biodiesel me lembra automaticamente a descoberta da Lei da Gravidade por Isaac Newton e a história da maçã. Quería que o senhor recontasse essa história e falasse da importância dessa atitude da contemplação para a atividade científica.

EP – Comecei a me preocupar não com o sucedâneo da gasolina, mas do óleo diesel. Já tinha feito algumas experiências, tinha lido sobre experiência chinesa com outro tipo de processo. Fiz análise desse processo e vi que não dava certo. Não dá certo usar óleos vegetais *in natura* para r o d a r

motor. Ele produz um tóxico. Nesse ambiente de questionamento, eu estava no meu sítio, perto de Pacoti, que é um verdadeiro santuário ecológico, cheio de árvores, com uma cachoeira que era perene. Era final de dezembro, começando o inverno, e eu estava tomando banho na cachoeira, como ia sempre nos finais de semana, tomando uma cachacinha. Sou uma pessoa muito descontraída. Para que você tenha essas inspirações uma condição fundamental é a descontração. Você jamais pode inventar um biodiesel no trânsito de São Paulo (risos). Estava debaixo de uma ingazeira, e ela tem uma vagem que começa a dar justamente em dezembro. E essa vagem linear, com carocinhos, me deu a idéia de uma molécula, um éster linear. A molécula do biodiesel. Eu disse: “Puxa vida! Isso daí a gente faz do óleo vegetal. Vamos transformar o óleo vegetal e produzir essa molécula”. Abra um parênteses. Uma vez fui fazer uma palestra no interior de Goiás. Preparei uma palestra como se fosse dá-la para o pessoal de universidade. Mas quem estava ali eram agricultores. Tive que transformar aquela conversa em algo bem leve. Explorei muito essa história da cachoeira, da cachaça. E, quando foi no final, houve um churrasco e acho que ninguém nunca ganhou tanta cachaça nesse mundo como eu (risos). Tive de distribuí-la em dois carros.

UP – Eureka! Atribuíram à cachaça...

EP – Quando cheguei na segunda-feira, fui para o laboratório, na UFC, no Centro de Tecnologia, e processamos a reação. Comecei a examinar e vi que tinha uma semelhança muito grande. Fiz alguns ensaios. Tinha um velhinho, infelizmente hoje falecido, mas que naquela época tinha quase 90 anos, e tinha uma experiência enorme com motores. Desde a época da Guerra, ele já trabalhava com motores e ficava circulando na Universidade. Ele era aposentado e ficava ajudando, com um servicinho

Expedito Parente é diretor da empresa TecBio, que detém 60% do mercado de tecnologia de produção de biodiesel no Brasil

ou outro, seu Bernardo Gondim. Ficava muito naquela casinha pequenininha pertinho do Núcleo de Processamento de Dados, no Pici. Hoje, parece que serve de depósito. E tinha um motor velho. Ali rodou o primeiro motor com biodiesel no mundo. Queria até propor ao reitor que a gente transformasse aquilo num monumento. E nós prosseguimos na direção do CTA (Comando Geral de Tecnologia Aero-Espacial). Já tínhamos a empresa. Quando eu fui falar com o ministro (da Aeronáutica), ele não se interessou, porque disse que precisavam de querosene. Fiz uma irresponsabilidade muito grande. Disse que ia desenvolver o bioquerosene. E foi assim que o convenci a nos apoiar. Tive de assinar protocolo. Estávamos no período militar. Comprometi até meu anjo da guarda naquilo. Mas a teimosia, a ambição e a loucura, de defeitos, tornam-se qualidades quando existem boas intenções.

UP – Quais os projetos em que o senhor trabalha atualmente?

EP – Tem o bioquerosene, mas eu vou criar uma Universidade Ambiental. Já temos condições para isso. Será no Maciço do Baturité. Vai ser uma universidade diferente das outras. Vamos trabalhar muito mais com extensão, depois pesquisa e depois ensino. O marco conceitual é o meio ambiente.

“Estava debaixo de uma ingazeira, e ela tem uma vagem que começa a dar justamente em dezembro. E essa vagem linear, com carocinhos, me deu a idéia de uma molécula, um éster linear”

UP – Como se desenvolveu a idéia do bioquerosene e em que pé está a pesquisa sobre esse novo combustível?

EP – No pacto com a Aeronáutica, entramos com o querosene e o fizemos. Só que era um combustível militar e foi desenvolvido sob cláusulas de sigilo. O primeiro vôo no mundo dentro de uma aeronave com esse novo combustível se deu no dia 23 de outubro de 1984, de São José dos Campos para Brasília, no dia do avião. Aí terminou o projeto e você sabe que lá em cima não tem acastamento (risos). Foi uma forma de provar que o projeto funcionou.


UP – E o senhor voou nesse dia?

EP – Eu queria ir, mas não pude, era um vôo militar e não me permitiram. E isso ficou fechado na gaveta durante muito tempo. Em 2005, eu fui convidado para a China, pela Academia Chinesa de Ciências, junto com as Nações Unidas, para ser premiado. Deram-me o maior prêmio de tecnologia hoje no mundo, equivalente ao Nobel. O troféu *Blue Sky Awards*. Foi aí que a Boeing e a Nasa me convidaram para ressuscitar esse bioquerosene no cenário atual. Assinamos um convênio nos Estados Unidos para testar o custo de homologação e essa coisa expandiu, porque é muito mais universal do que o interesse de uma empresa americana. Virou um clube internacional. Entraram a Embraer, a Shell, o CTA, as empresas de acessórios de aviação, a General Electric, a Rolls-Royce.

UP – Em quanto tempo o senhor acha que esse bioquerosene vai ser utilizado comercialmente?

EP – Esse ano a gente pretende fazer um vôo conceitual. Queremos que ele saia de Fortaleza em direção aos Estados Unidos ou Europa. E a homologação, eu acho que nos próximos três anos.

UP – A sua empresa hoje tem sucesso, clientes em várias partes do mundo. O senhor acha que vai se tornar um exemplo para os jovens cientistas como cientista-empresário?

EP – Sempre tenho saído dessa idéia de cientista para tecnologista. Existe uma diferença muito grande entre um trabalho científico e um tecnológico. A única coisa que fiz para a ciência não pude divulgar. Foi o desenvolvimento de uma arquitetura para combustíveis, mas nessa época estava vivendo o contrato de não divulgação. Fora isso, meu trabalho foi tecnológico. Procuraria incentivar muito mais os tecnólogos que os próprios cientistas. O mais interessante é que, para desenvolver esse projeto, não precisamos de recursos excepcionais. Na UFC você pode desenvolver um projeto gigantesco. No MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), você tem todas as condições e muitas vezes não faz. Você não precisa só dos recursos. Quem faz a universidade são as pessoas. 





O Mestrado em Odontologia foi um dos que teve conceito aumentado pela Capes. Projeto de doutorado está em elaboração

Avaliação positiva

A última avaliação trienal da Capes (2004-2007) teve um balanço positivo para a UFC. Dos 42 programas de pós-graduação avaliados, doze tiveram o conceito elevado em relação à avaliação anterior e apenas três não atingiram a média.

Uma avaliação dos programas de pós-graduação de universidades de todo o Brasil, divulgada em dezembro último, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação ligada ao Ministério da Educação, atestou: a produção científica da Universidade Federal do Ceará (UFC) continua em ascensão. Dos 42 programas de pós-graduação da UFC avaliados pela Capes durante o último triênio, doze tiveram o conceito elevado em relação à avaliação anterior.

Os resultados mostraram ainda que 21 cursos mantiveram o conceito entre três e seis (dentro de uma escala que vai de 0 a 7) e apenas três tiveram conceito menor que a média três. A avaliação apontou também pelo menos oito cursos de mestrado aptos a implantar um programa de doutorado. “Isso é importante porque um

curso de pós-graduação só é consolidado de fato quando se tem um mestrado e um doutorado”, ressalta o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC, Gil de Aquino Farias.

Segundo ele, a expectativa agora é que, a partir dessa avaliação, pelo menos seis cursos de mestrado enviem projetos de programas de doutorados à Capes para serem submetidos a uma análise e, se aprovados, darem início às atividades ainda em 2009.

Um dos cursos que deve atender a esta expectativa é o Mestrado em Odontologia, ligado à Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da UFC. O curso foi criado em 2005 já com o conceito quatro na Capes. “Isso, juntamente com a maturidade dos professores ao longo desse período, motivou a iniciativa de

implantar também um programa de doutorado”, revelou o coordenador do curso, Sérgio Lima Santiago.

Neste momento, o corpo docente do programa já está elaborando o projeto de criação do doutorado e no máximo até o dia 31 de março, irá enviá-lo para avaliação. Se aprovado, a primeira turma deve dar início às suas atividades em fevereiro de 2009. O projeto prevê a oferta de três linhas de pesquisa: Terapêutica Clínica e Experimental Aplicada, Epidemiologia em Odontologia e Avaliação Clínica e Laboratorial dos Materiais Odontológicos.

Atualmente, a UFC possui um total de 82 cursos de pós-graduação, sendo 56 de mestrado e 26 de doutorado. Neste ano, 10 novos cursos (seis mestrados e quatro doutorados), criados em 2007, já deram início às suas atividades letivas. En-

tre eles, está o Mestrado em Biotecnologia, que funcionará no Campus de Sobral, consolidando-se como o primeiro curso *stricto sensu* da UFC ofertado no Interior do Ceará.

Cursos de excelência

Um dos principais critérios de avaliação utilizados pela Capes se refere ao volume de produções científicas publicadas pelos pesquisadores dos programas. Neste quesito, a UFC tem alcançado grande destaque entre as universidades brasileiras. Uma pesquisa divulgada anteriormente, pela própria Capes, apontou a Universidade como dona do segundo maior crescimento em publicação de trabalhos científicos entre as instituições de ensino superior brasileiras. O número de trabalhos publicados e indexados no *Web of Science*, banco de dados de referência, subiu de 73 para 373, entre os anos de 1996 e 2006. No mesmo período, o número de dissertações de mestrado defendidas e homologadas nos cursos de pós-graduação da UFC saltou de 172 para 550, totalizando 4.056. Já o de teses de doutorado passou de 14 para 124, somando 703 teses defendidas em 10 anos.

Outro ponto levado em conta pela Capes é a qualidade do corpo docente de cada curso. Até 2006, de um total de 1.360 professores, 865 eram doutores e 388 mestres. O Pró-Reitor de Pós-Graduação da UFC lembra, entretanto, que a avaliação trienal da Capes analisa o corpo docente como um todo, o que torna necessária a boa qualificação de toda a equipe. “Se você tiver só um professor muito bom e os outros não participarem da produção, o curso é penalizado”, destaca.

A forte presença de critérios como este rendeu aos programas de pós-graduação em Física e Farmacologia, mais uma vez, o conceito 6, considerado de excelência internacional. Para receberem essa nota, os programas precisaram seguir alguns critérios exigidos pela Capes, tais como alta qualificação dos professores, número de pesquisadores inscritos no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ter bom volume

de produção científica anual e manter convênios com instituições internacionais de ensino, permitindo o intercâmbio de professores e alunos.

De acordo com o professor Paulo de Tarso Cavalcante Freire, coordenador do Programa de Pós-Graduação de Física, o conceito de excelência obtido pelo curso se deve principalmente ao histórico do curso, à formação e dedicação dos professores, seus contatos no exterior, além da participação da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), da Capes e CNPq através da concessão de bolsas de pesquisas. Segundo o professor, o curso agrega hoje cerca de 80 estudantes. A maioria deles é de bolsistas financiados por uma das três instituições.



Pró-Reitor Gil de Aquino: trabalho para que nenhum curso tenha conceito mínimo

Para ele, a importância de um bom resultado em uma avaliação como essa é a visibilidade que é dada ao curso no País e da própria UFC. “Isso implica em bolsas de estudo, facilidade de convênios internacionais, intercâmbio tanto de professores como de alunos, principalmente do doutorado”, ressalta.

Necessidade de reestruturação


Apesar do saldo positivo na avaliação do triênio 2004/2006, três cursos ficaram com conceito abaixo da média estabelecida pela Capes: Ciências Farmacêuticas, Tocoginecologia e Tecnologia da Informação e da Comunicação. Embora não tenham sido fechados, os cursos receberam

a sinalização da Capes para se reestruturarem e, até uma próxima avaliação, estão impedidos de abrir novas turmas de mestrado. A Pró-Reitoria de Pesquisa da UFC garantiu, entretanto, que os alunos que já fazem parte dos cursos não serão prejudicados e que, ao concluírem o mestrado, o diploma desses cursos terá o mesmo valor dos outros.

Para Gil de Aquino, uma das possibilidades que justifica a diminuição do conceito dos três cursos é o desvio de foco dos programas em relação aos projetos originais enviados à Capes. Já para a professora Alice Maria Costa Martins, coordenadora do curso de pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, que nesta avaliação obteve o conceito dois, o indesejado resultado se deve à imaturidade dos estudos de Farmácia Clínica, principal área de concentração das pesquisas do Programa.

“Como a Farmácia Clínica é uma área nova, nós começamos sem produção científica nenhuma, diferente dos outros cursos”, justifica. Ela argumenta que a produção tem crescido muito e, se for feita uma comparação entre o primeiro triênio avaliado e o último, acrescenta a professora, será percebido o crescimento no número de produções científicas, embora ainda não tenha alcançado os níveis desejados pela Capes. “Apesar de ter caído o conceito, nós estamos trabalhando a todo o vapor”, garante.

Durante os meses de dezembro e janeiro, a administração superior da UFC esteve reunida com todos os coordenadores dos cursos avaliados pela Capes, com o objetivo de definir políticas, analisar necessidades físicas e de pessoal e trocar idéias sobre estratégias.

De acordo com Gil de Aquino, uma das políticas estabelecidas pela atual gestão da UFC é de trabalhar ao longo do triênio 2007/2009 para que na próxima avaliação, em 2010, nenhum curso da Universidade obtenha conceito menor ou igual a três, valor mínimo exigido pela Capes para funcionamento pleno de uma pós-graduação. “Se a gente conseguir esse objetivo, além de serem melhores avaliados, teremos mais candidatos a cursos de doutorado”, diz. 

O oceano como sala de aula

A UFC oferta, a partir do segundo semestre de 2008, o curso de bacharelado em Oceanografia. Atualmente, o Brasil possui somente dez cursos de graduação nessa área



Apesar da pesca marítima ser umas das principais atividades econômicas cearense, pouco se sabe dos 573 quilômetros da costa que banha o Estado do Ceará. A partir do segundo semestre de 2008, a Universidade Federal do Ceará (UFC) começa a mudar esse cenário com a abertura do curso de bacharelado em Oceanografia. Com sede no Instituto de Ciências do Mar (Laboratório), o novo curso terá um vestibular especial em meados de 2008 para selecionar os 40 primeiros alunos.

Conforme consta no projeto pedagógico, o curso de Oceanografia da UFC “busca dosar, de forma racional, teoria e prática nas proporções adequadas, de modo a formar um profissional apto a desenvolver e implementar soluções na área de Oceanografia”. O objetivo é formar profissionais (oceanógrafos) habilitados a utilizarem a ciência e a tecnologia direcionadas ao conhecimento dos oceanos, aos impactos por eles sofridos e à exploração racional de recursos marinhos e costeiros renováveis e não-renováveis.

Para o Pró-Reitor de Graduação da UFC, Custódio Almeida, a expectativa é que a procura pelo curso bata recordes, uma vez que existe uma carência de oce-

anógrafos na região. O novo bacharelado da UFC, explica Almeida, vem exatamente suprir essa deficiência de profissionais na área.

Atualmente, o Brasil possui somente dez cursos de graduação em Oceanografia, oito destes concentrados nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Até agora, as regiões Norte e Nordeste contam com apenas dois cursos: um na Universidade Federal da Bahia (UFBA), o único do Nordeste, e outro na Universidade Federal do Pará (UFPA), ambos criados nos últimos três anos.


Um pouco de todas as ciências

Considerada uma ciência multi e interdisciplinar, a Oceanografia é o estudo dos oceanos, dos fenômenos que neles ocorrem, assim como da sua interação com os continentes e a atmosfera. Ela integra todo o conhecimento pertinente aos limites físicos dos oceanos, a química e a física da água do mar, a biologia marinha e a geologia das margens e do fundo dos oceanos.

O coordenador do curso de Oceanografia da UFC, Manuel Furtado, explica que o oceanógrafo tem quatro áreas

principais de atuação: oceanografia física, química, biológica e geológica. As quatro áreas formam também as disciplinas básicas de um curso de Oceanografia, motivo pelo qual o Pró-Reitor Custódio Almeida recomenda: “Os alunos interessados devem, principalmente, ter interesse nessas quatro disciplinas”.

Segundo Manuel Furtado, a Oceanografia permite ao bacharel trabalhar em diversas áreas do setor, seja com pesquisa ou em empresas públicas ou privadas de recursos renováveis e não-renováveis. Um dos exemplos é a Petrobras. “É o oceanógrafo que vai estudar o tipo de terreno onde vai ser implantada uma nova plataforma para evitar que ela seja construída em um local e afunde”, explica o professor.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para Cursos de Oceanografia no Brasil, a formação técnica e científica desse profissional vai permitir também que ele tenha o “conhecimento e a previsão do comportamento dos oceanos e ambientes de transição sob os aspectos físicos, químicos, geológicos e biológicos, visando a utilização racional de todos os seus domínios”. 



Publicações do Núcleo de História e Memória da Educação, da Faced

Reconstruindo o passado

O Ceará tem se destacado na área de História da Educação. O trabalho é capitaneado pelo Núcleo de História e Memória da Educação, da Faculdade de Educação da UFC. Pesquisas, publicações e a realização de encontro cearense ajudam a divulgar conhecimentos na área

Documentar fatos históricos está usualmente ligado ao trabalho de historiadores. No Brasil, entretanto, desde a década de 1980, essa função tem, cada vez mais, passado a fazer parte também do cotidiano dos educadores brasileiros. Como os

historiadores, eles têm se debruçado sobre livros, documentos escritos, depoimentos e testemunhos orais, além de fontes jornalísticas e imagéticas, para reconstruírem a História da Educação brasileira.

No Ceará, parte da história educacio-

nal do estado está sendo resgatada pelo Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação (Faced), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Cria-

do há 10 anos, o Núcleo tem formado e mobilizado pesquisadores para reconstruírem o passado da educação, registrando as reformas, a história das instituições e as práticas educativas empreendidas ao longo dos anos.

“A nossa intenção tem sido, por um lado, constituir um acervo historiográfico sobre a história educacional do Ceará; e por outro, formar pesquisadores ocupados com a área, além de procurar integrá-la às iniciativas dos nossos pares, no âmbito nacional e internacional”, explica Juraci Maia, professora da Faced e uma das fundadoras do NHIME.

Segundo ela, a idéia de criar um grupo de pesquisa desse tipo surgiu a partir da verificação da escassez de fontes historiográficas para um detalhamento da história educacional no Ceará. Ela conta que um levantamento realizado, no início da década de 1990, encontrou apenas duas obras sobre o assunto (ambas organizadas por iniciativa do Instituto Histórico do Ceará) e uma série de artigos sobre capítulos da história colonial, o ensino jesuítico, a organização das primeiras instituições escolares no século XIX e a reforma educacional de 1922.

“Crescia ainda mais o nosso propósito de continuar investigando a história educacional do Ceará, sabendo que se tratava, na realidade, de um programa de pesquisa que necessitaria de um grupo consolidado para que tivesse maior amplitude e continuidade”, diz a pesquisadora. Essa consolidação veio em 1996, com a realização do Seminário de Educação Brasileira, cujo eixo principal foi história educacional.

A partir do evento, o programa de pós-graduação da Faced começou a receber projetos de pesquisa voltados para a área da história da educação, tanto no Mestrado quanto no Doutorado. Em 2001, o grupo de pesquisa já contava com quase 20 pessoas participando das reuniões semanais. Hoje, integrado por 20 mestrandos e doutorandos e quatro professores, o Núcleo já dispõe de 30 dissertações e teses concluídas, à espera de publicação e uma maior circulação entre os cursos de

formação de professores e no meio acadêmico em geral.

Para além da sala de aula

Resultado do crescente volume de produções na área, anualmente, o NHIME reúne pesquisadores de diferentes universidades em um encontro onde alunos e professores podem dar vazão às suas pesquisas, trocar idéias e discutir novos caminhos para o estudo da História da Educação brasileira.

Neste ano, o evento terá lugar na cidade de Barbalha, no sul do Ceará, onde será realizado o VII Encontro Cearense de Historiadores da Educação. Sob o tema “Vitrais da Memória: lugares, imagens e práticas culturais”, o evento segue de 27 a 31 de maio, com a participação de convidados como o professor Filipe Zau, do Ministério da Educação da República de Angola (África); Gisafran Jucá, da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Cláudia Alves, da Universidade Federal Fluminense (UFF); e o cineasta cearense Rosemberg Cariry.

A idéia dos encontros é dar visibilidade às pesquisas que estão sendo elaboradas no Ceará e em outras regiões, e assim, “propiciar aos pesquisadores uma formação mais dinâmica que os retire das salas de aula, gabinetes de estudo e esconderijos privados em que desenvolvem as suas investigações, inserindo-os nos rituais mais coletivos de iniciação e qualificação científica”, explica a professora Juraci Maia, integrante da comissão organizadora do VII Encontro.

Apesar de ter sido inicialmente concebido como um evento voltado para alunos e professores do Programa de Pós-Graduação da Faced, hoje, os encontros recebem também a participação de alunos de graduação com projetos de iniciação científica, além de professores de outras instituições de ensino, inclusive daquelas que não são de nível superior. “A gente quer que este seja também um espaço para a participação de pesquisadores iniciantes que não teriam oportunidade em um evento maior”, diz Maia.

Memória e História em ascendência

O estudo da História da Educação começou a ganhar visibilidade no País ainda na segunda metade da década de 1970, através de um movimento de discussão e revisão historiográfica que colocava em xeque os padrões então dominantes na produção sobre História da Educação brasileira. O movimento ganhou força com os trabalhos apresentados durante um seminário organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em setembro de 1984, cujo tema foi História e Educação.

De acordo com Juraci Maia, o incremento na qualidade dos investigadores da área tem ajudado, nos últimos anos, a dissolver a idéia de que a história da educação tem menor importância por ter sido feita, no passado, por intelectuais gestores ocupados com a política educacional, sem o devido preparo técnico e epistemológico exigido de um historiador.

Para ela, o fomento da área está relacionado também com o crescimento do interesse governamental pelas políticas educacionais na década de 1990, pressionados por organismos internacionais e a renovação do discurso em prol da articulação entre educação e desenvolvimento. “Nesse caso, o passado é invocado para orientar as políticas educacionais do presente e do futuro, estimulando assim os estudos históricos”, conclui a professora.

O início

No Brasil, a maioria dos historiadores da educação considera a chegada dos primeiros padres jesuítas, por volta de 1549, como o marco para o início da história da educação brasileira. A data inaugura uma fase que deixou marcas profundas na cultura e civilização do País. Movidos por intenso sentimento religioso de propagação da fé cristã, durante mais de 200 anos, os jesuítas foram praticamente os únicos educadores do Brasil. **UP**



Brincando de tradição

O Reisado Brincantes Cordão do Caróá pesquisa e experimenta a cultura popular dando novas formas a velhos folguedos

Cordão tanto pode ser o entrançado de vários fios como o “entrançado” de foliões em cortejos por ruas e avenidas. Caróá é uma planta de poucas folhas e talo com espinhos, típica da caatinga, cuja fibra manufaturada vira tecido, barbante, corda ou cordão, cordão que amarra o tambor, tambor que, junto com outros instrumentos, dá sonoridade ao reisado. O Reisado Brincantes Cordão do Caróá carrega no nome, portanto, sentidos múltiplos, diversos e fortes, característica comum à própria vivência do grupo.

O nascedouro foi nos saraus de poesias realizados a partir de 2000 na Faculdade de Educação da UFC. Começaram a encher o espaço também com dança, performance, luz, cor e brilho. Acabou em festa. Mas a festa não acabou. A brincadeira já havia se transformado em outra: o reisado – Brincantes Cordão do Caróá, reconhecido em 14 de agosto de 2003 como programa de extensão da UFC.


Desde então, o grupo só se consolidou como um dos mais importantes do Esta-

do no resgate e difusão de uma tradição popular trazida pelos colonizadores portugueses. O reisado, que resiste principalmente no Norte e Nordeste do País, num espetáculo de cores, formas, sons e expressões, é “ressignificado” permanentemente pelo Cordão do Caróá. O ponto alto é o ciclo natalino, entre 24 de dezembro, véspera do Nascimento de Jesus, segundo a tradição cristã, e 6 de janeiro, Dia de Reis, mas o grupo se apresenta ao longo do ano em locais e momentos variados.

Bebendo em várias fontes das manifestações artísticas e culturais populares, os brincantes estão em processo contínuo de pesquisa e experimentação da tradição popular, de interação com as diversas expressões dessas tradições e de envolvimento com as comunidades onde atuam. “A pesquisa parte da própria interação. Não apenas observamos determinado grupo”, reforça Rachel Paula Militão Martins, integrante do Cordão. “É uma grande sinergia. O mais significativo é a relação com os grupos de cultura popular tradicional”,

resume o mestre do reisado, Paulo Henrique Leitão.

Os grupos com os quais o Cordão se relaciona estão especialmente no Sul do Ceará, mais precisamente em Juazeiro do Norte, mas a troca de experiências se expande também pela Zona Norte e pelo Sertão Central e até por outros estados. O resultado é a boa aceitação do público e das instituições de referência. Em dezembro último, o Reisado recebeu o maior reconhecimento oficial até hoje: a seleção pelo Ministério da Cultura para o “Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 Anos de Frevo”, que considerou o trabalho uma “ação exemplar do setor”.

“O pessoal do Caróá é alegre e acredita no que faz. Precisamos de festa nesses tempos desencantados. Avalio como uma manifestação que deva ser prestigiada. De grupos como esse, quem sabe, poderá sair algo de novo e contemporâneo para a cena cultural cearense”, avalia o professor da UFC, Gilmar de Carvalho, referência na pesquisa das tradições populares. 

Retrato em duas cores

Glamour, requinte, obstinação e cuidado marcam a história do prédio da Reitoria, a edificação mais significativa da Universidade Federal do Ceará

“Quando o presidente Kubitschek ingressou no salão onde iria pernoitar, sorriu, pôs a mão no meu ombro e me consultou, informalmente:

– Em condições normais, o que funciona aqui, reitor?

Informei que naquele salão estava instalado o *gabinetezinho* do Reitor. Como se fôssemos velhos conhecidos e amigos, o chefe da Nação contemplou as árvores e comentou:

– Está muito exigente, reitor. Isto aqui é uma maravilha.”

A maravilha a qual se referia o presidente da República Juscelino Kubitschek (1902-1976) era a Reitoria da então Universidade do Ceará, cujo gabinete foi transformado para acomodar o ilustre visitante. O interlocutor era Antônio Martins Filho (1904-2002), o primeiro reitor. O diálogo consta do livro *História Abreviada da UFC*, escrito pelo próprio fundador da instituição.

“Já alta noite, diante de uma multidão que não arredava dos jardins fronteiros, o presidente aparecia à varanda de pijamas, sorridente como sempre, a acenar para os que o aclamavam”, acresce o arquiteto José Liberal de Castro, em outro livro - *Martins Filho de corpo inteiro*, organizado por Paulo Elpídio de Menezes Neto, também ex-reitor da UFC, no período 1979-1983.

Era agosto de 1956 quando o presidente, médico por formação, veio a Fortaleza para o XIII Congresso Brasileiro de Higiene. Em abril do mesmo ano, o reitor havia adquirido a propriedade onde instalou a Reitoria. Mais de meio século se passou, contudo ainda hoje a beleza do prédio encanta não só quem vem de fora, mas também quem mora aqui. Dos visi-

tantes, o elogio é recorrente: a Reitoria da UFC é uma das mais bonitas do País.

A exuberância do prédio tem origens em um passado glamouroso, que remonta ao século XIX. Antes de ser comprada pela Universidade, pertencia aos herdeiros de José Gentil Alves de Carvalho (1866-1941), que havia adquirido o patrimônio nos últimos anos de 1800. Comerciante de Sobral, na zona Norte do Ceará, José Gentil veio morar em Fortaleza e comprou de João Antonio Garcia a então Chácara Garcia, que durante longo tempo foi alugada à família Kalkmann, alemães de Hamburgo. Assim descreve Liberal de Castro no artigo *Martins Filho, o Edificador*.

Mas, para esclarecimento prévio, a Reitoria preserva muito pouco desse período. A forma definitiva do prédio foi delineada há 40 anos, quando passou pela última grande reforma, incluindo a ampliação da sede, com a construção do auditório que recebeu o nome do então presidente da República, o cearense general Humberto Castello Branco (1900-1967). Intervenções anteriores, no entanto, já haviam modificado sobremaneira a estrutura adquirida pela Universidade.

Do que se tinha antes, preservou-se o que havia de mais belo, fundamentalmente o estilo arquitetônico, sobretudo a fachada e as colunas, que foram reproduzidos a cada reforma. Como diz Liberal de Castro, que integrava a equipe que tocou as primeiras mudanças do prédio já pertencente à Universidade, “salvo a manutenção do frontispício e dos tramos primitivos da colunata, a edificação atual tanto em área como em volumetria em nada se relaciona com a casa da Chácara Gentil”.

Embora o prédio atual seja bastante





diferente, a Chácara Gentil também era de chamar a atenção. A casa ocupava uma área de 1.000 metros quadrados, segundo Liberal de Castro, quase cinco vezes menor do que as atuais instalações, de 4.778,18 metros quadrados, mas mesmo assim era muito grande para uma residência.

Se a atual estrutura já é muito diversa da que foi adquirida pela Universidade em meados do século passado, guarda ainda menos semelhanças em comparação à casa original, pois em 1918 o próprio José Gentil resolveu remodelar a morada. De acordo com Liberal, o antigo chalé foi completamente transformado, ampliando-se para abrigar a numerosa família e incorporando preceitos do ecletismo arquitetônico. A casa de feição rural virou palacete. “Uma casa simplérrima, completamente transformada, virou de fato um palacete”, diz Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes, neta de José Gentil. Além das mudanças físicas, ajudavam a compor o cenário móveis franceses, espelhos dourados e lustres de cristal.

A transformação foi encomendada ao arquiteto João Sabóia Barbosa (1886-1972), cearense com formação inglesa. Entre as mudanças, a casa antiga ganhou o pavimento superior, os antigos apoios de madeira foram substituídos por colunas. Antes mesmo da venda à Universidade, outras intervenções foram feitas, inclusive alterando a proposta original do renomado arquiteto.

Quando Martins Filho comprou a propriedade, o gabinete do Reitor passou a ocupar a ampla sala de frente, no pavimento superior. Os serviços de apoio foram instalados nos espaços vizinhos, onde ficavam os quartos de dormir. O térreo ficou reservado ao Departamento de Obras e aos serviços administrativos. Liberal de Castro lembra que “algumas personalidades universitárias” defendiam a demolição da casa. Martins Filho insistiu em preservar o projeto original de João Barbosa, reproduzindo-o a cada ampliação. A insistência e o bom senso presentearam o Ceará com uma das mais belas edificações.

Preço justo e certo

A antiga propriedade da família Gentil não foi o local para a primeira sede da Reitoria. O casarão só foi adquirido pela Universidade em abril de 1956, quase um ano depois da instalação, a 25 de junho de 1955. Antes, a Reitoria funcionou na Rua Senador Pompeu, 1613, em frente à Praça Clovis Beviláqua, a cerca de 100 metros da Faculdade de Direito. O prédio tipo bangalô foi alugado em outubro de 1955. Um semestre depois, o reitor Antônio Martins Filho comprou da Imobiliária José Gentil a sede que permanece até hoje.



Beatriz Gentil: lembranças da casa do avô

O reitor descreve no livro *História Abreviada da UFC* que no início de 1956 se especulava que o solar da família Gentil seria alienado por um grupo que pretendia construir um hospital na área. Martins Filho foi avaliar o local e passou então a se mobilizar junto ao Ministério da Educação para obter recursos para a aquisição. Depois de obtida a verba, a transação foi realizada com um dos filhos do já falecido José Gentil, João Gentil, pai de Beatriz. “Meu pai foi morar no Rio depois de fechar o banco (Frota & Gentil) e achou interessantíssimo que servisse para potencial tão importante”, lembra ela.

Foi a maior transação imobiliária do ano em Fortaleza, segundo Heloisa Facó, cerimonialista da UFC durante 35 anos e esposa do secretário-geral da Universidade, na época, Hesíodo de Queiroz Facó. Para Martins Filho, era um preço justo e certo os Cr\$ 5.000.000,00, além de diversos móveis por Cr\$ 500.000,00. “O

senhor João Gentil foi de uma correção a toda prova, não permitindo que fossem retirados da casa até mesmo troféus e alguns objetos de adorno”, escreveu o fundador da UFC.

A mesa que ainda hoje serve para os despachos dos reitores era, segundo Heloisa Facó, onde o jantar da família era servido. Num passeio pelas dependências do prédio, ela enumera o que foi adquirido e o que foi herdado da casa antiga. Quando a propriedade foi comprada, estava fechada. Martins Filho chamou Heloisa para deixar o local pronto para a inauguração. Às 16 horas do dia 25 de junho de 1956, a Reitoria foi inaugurada, com a presença do ministro da Educação Clóvis Salgado.

Uma outra mansão aos fundos

O reitor Martins Filho queria comprar, na verdade, muito mais do que a casa onde José Gentil morou. Como muitos imóveis adjacentes também pertencessem à abastada família, o reitor desejava adquirir a maioria, senão todos, para a Universidade. “A idéia era comprar todas as casas, da Igreja dos Remédios, à Faculdade de Direito, para ser tudo da Universidade”, diz José Ferreira Santiago, que trabalhou em uma das reformas da Reitoria. A própria casa do filho João Gentil ficava em frente à Igreja dos Remédios e também foi adquirida. Segundo Liberal de Castro, o imóvel amplo e confortável havia sido erguido por volta de 1925, ocupando uma área de 700 metros quadrados.

A antiga mansão de João Gentil chegou a abrigar o Departamento de Obras e



Heloisa Facó: freqüentadores dos jantares na reitoria “pingavam” elegância

a Biblioteca Central. O quintal fazia parte da chácara paterna, que foi ocupado pelos Blocos dos Institutos – Instituto de Matemática Aplicada, Instituto de Química e Tecnologia e Instituto de Física. Mas ao contrário do que aconteceu ao prédio que serviu para a instalação da Reitoria, a bela propriedade foi depois demolida, a fim de permitir, segundo Liberal, a construção de um bloco paralelo à avenida da Universidade (antiga Visconde de Cauípe), que interligaria os blocos laterais, prolongados. No local, funciona hoje o Departamento de Ciências Sociais.

A casa de João Gentil foi um projeto também do arquiteto João Barbosa. Entre os trabalhos mais expressivos que deixou para a cidade, Fortaleza ainda preserva o prédio que hoje abriga a agência da Caixa Econômica Federal na Praça do Ferreira e a antiga sede do Banco Frota & Gentil, também no Centro – Floriano Peixoto com Senador Alencar –, que pertencia à família.

Família de posses, que viajava muito para os Estados Unidos e a Europa. “Os filhos lançavam moda por aqui, a esposa era a decana dos society”, rememora Heloisa Facó. “José Gentil comprou tudo e loteou os terrenos. Tirou a parte que queria para a própria residência e alugou outras casas”, acrescenta. O que é reforçado pelo arquiteto Liberal de Castro. “A maior parte da chácara Gentil havia sido desmembrada durante a vida de seu proprietário, em maior parte para compor os quarteirões, as ruas e as praças do pequeno bairro da Gentilândia, implantado na década de 30”.

Além da chácara, a Universidade adquiriu no começo da década de 1960, as duas casas que ocupavam o terreno para onde a Reitoria foi ampliada. Eram casas grandes onde viviam pessoas da família. Antes de serem demolidas para a ampliação, foram ocupadas por setores administrativos e técnicos, entre os quais o Departamento de Obras e Planejamento.

De residência a prédio oficial

Quando Martins Filho comprou o casarão da família Gentil, muito precisou fa-

zer para transformar a residência na sede da Administração Superior da Universidade. O arquiteto Liberal de Castro lembra que os pisos do pavimento superior soalhados não tinham condições de suportar as cargas de mesas, máquinas, estantes e arquivos, nem a circulação intensa de pessoas. A escada interna de madeira e as entradas



Neudson Braga: obras tocadas no prazo político

eram insuficientes porque estavam dimensionadas para um prédio residencial.

A frente, a torre e os quatro tramos das varandas laterais da casa foram mantidos, mas internamente a casa foi totalmente alterada, permanecendo apenas a sala de entrada e a sala correspondente no pavimento superior, na qual ficou instalado o gabinete do reitor, mas com pisos e tetos refeitos em concreto armado, material aplicado a todos os espaços da obra nova.

O piso de madeira foi substituído por tabuado e tacos novos e por mármore ou carpete. Junto da sala de frente, foi estendido um amplo salão com uma escada, com pisos de mármore, material raramente usado na cidade. O requinte que o espaço ganhou o transformou quase em estúdio fotográfico, aberto aos sábados para as noivas serem clicadas – a escada em T era chamada de “escada das noivas”. É onde fica o Salão Nobre. Lugar também para jantares sofisticados oferecidos pelo reitor. “As pessoas vinham pingando elegância”, relembra Heloísa Facó. Os coquetéis nos jardins da Reitoria não faziam distinção de nível social, segundo José Ferreira Santiago, que trabalhou na última reforma da Reitoria. “Em 70% das festas, todos os

servidores, do servente ao Ph.D eram convidados. O reitor tratava todos em pé de igualdade”. A parte posterior passou a incluir um salão menor, hoje Sala de Convivência. O elevador que fica entre esses dois espaços é remanescente da casa antiga.

O arquiteto Liberal de Castro lembra que as obras da primeira intervenção na casa enfrentaram muitas dificuldades, tendo em vista os modestos e limitados estoques de materiais de construção postos à venda na cidade da época. Muitas das compras eram feitas no Sudeste, a exemplo do mármore adquirido no Rio de Janeiro.

No período final da administração de Martins Filho, a sede da Reitoria foi consideravelmente ampliada. As intervenções anteriores fizeram o prédio crescer, mas discretamente. Na última reforma, realizada em 1966, o arquiteto Neudson Braga participou da equipe que ergueu toda a parte até o Auditório Castello Branco. Foi também dessa época a construção do salão reservado às reuniões do Conselho Universitário e a escada com degraus em helicóide.

As obras foram tocadas de forma acelerada para que desse tempo o presidente inaugurar o auditório. “Foi uma obra feita no prazo político”, define Neudson Braga. Os trabalhadores enfrentaram um período de fortes chuvas sem deixar o serviço. O reitor conseguiu uma grande quantidade de lona junto ao Exército para cobrir a obra, permitindo que os trabalhos continuassem, mesmo sob chuva. “Os operários precisavam trabalhar artesanalmente, nos três turnos, 24 horas. Estávamos embaixo de um circo”, compara o arquiteto.

“Martins Filho às vezes chegava de pijama, trazendo uma garrafinha térmica e tomava café com os operários”, conta Neudson. “Muitas vezes, ele aparecia de madrugada, qualquer hora da noite. A gente nunca vacilava pra ele não pegar a gente sem fazer nada”, completa José Ferreira Santiago, um dos operários na época, hoje com 68 anos. A obra foi concluída em cerca de seis meses e deixou a Reitoria como a conhecemos hoje.

O valor simbólico do prédio é inestimável. Na avaliação do professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo

da UFC, Joaquim Aristides de Oliveira, a construção da imagem da Universidade para a sociedade foi feita a partir do prédio da Reitoria. “A Reitoria, uma das obras últimas de Martins Filho como gestor da Universidade, permanece no ponto em que o imaginário urbano fortalezense a situa, simbolizando o poder do conhecimento, simbolizando a Universidade Federal do Ceará. Simbolizando o saber, o único e imutável poder”, conclui Liberal de Castro.

CURIOSIDADES

– A escolha da cor da Reitoria envolve uma controvérsia. A cor original da Chácara Gentil era amarelo ou ocre, segundo Liberal de Castro, comum às edificações antigas da cidade. Para substituir por uma cor mais em sintonia com a imponência do novo prédio, depois da ampliação, ele diz que houve um sorteio entre as opções de uma cartela de amostra fornecida por firmas fabricantes de tintas. No sorteio, saiu a cor salmão, modificada a cada nova pintura. O colega Neudson Braga leva a versão na brincadeira, diz que o róseo foi escolhida porque se desejava uma cor bem característica, que marcasse o prédio. Na época, era chamada de “casa rosada”, “pantera cor-de-rosa”.

– Aos 84 anos, Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes, neta de José Gentil e Maria Amélia da Frota Gentil, filha de João Gentil e Sara Rosita de Campelo Gentil, morou pouco tempo na casa do avô, depois que ele morreu. Mas ela ainda guarda muitas lembranças da época. Aos domingos, a família toda ia à missa e depois se dirigia à casa para um farto café da manhã. Mesa de oito a dez metros, café servido no terraço. Primeira filha de João Gentil, que já tinha quatro homens, ela recorda das brincadeiras com os irmãos, nos galhos das árvores ou jogando futebol. “Era uma casa muito gostosa no meio do mangueiral. Sempre tinha alguém com o braço quebrado. Eu não quebrei porque era a goleira”, graceja.



Proposta da UFC aprovada integralmente pelo MEC combina metas de expansão com elevação da qualidade de ensino

Desafio aceito

Aprovada em dezembro último, a proposta da UFC para o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) representa um verdadeiro desafio para a Instituição. Em cinco anos, a Universidade deve crescer 50%

Ao aderir ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), implementado pelo Ministério da Educação (MEC), a Universidade Federal do Ceará tomou para si um dos maiores desafios da sua história: crescer 50% em cinco anos, mantendo a qualidade do ensino. O desafio acatado pela UFC foi consolidado em dezembro último, com a aprovação da proposta da universidade cearense pelo Reuni.

“Crescimento é um desafio. Mas para nós, o crescimento em si não é problema. O que queremos é crescer com qualidade”, enfatiza o Pró-Reitor de Graduação, Custódio Almeida, relator da proposta de adesão ao Reuni na UFC. Segundo ele, além de visar a expansão da Universidade, a intenção do projeto é tornar os cursos

da UFC cada vez mais bem conceituados nas avaliações de ensino superior.

Ainda no final de 2007, o Governo Federal deu o primeiro passo para o início da implantação do Reuni na UFC. O montante de aproximadamente R\$ 5,8 milhões, previsto para aportar na Instituição somente no primeiro semestre de 2008, foi entregue antecipadamente pelo MEC, em dezembro do ano passado. A medida permitiu à administração da UFC começar a pôr em prática o cronograma de ações planejadas para este ano.

O montante liberado é referente a 60% dos recursos de investimento programados para 2008. O orçamento total deste tipo de verba para o ano corrente gira em torno dos R\$ 9,8 milhões, os quais deverão ser gastos, exclusivamente, com equipamentos, ampliação e readap-

tação da infra-estrutura da Universidade. De acordo com o Reitor da UFC, Ícaro Moreira, a expectativa é que toda a verba prevista para 2008, tanto de investimento quanto de custeio (recursos humanos e materiais), seja entregue ainda no primeiro semestre.

“No cronograma que vamos cumprir, só efeturemos a criação dos cursos, efetivamente, se o aporte financeiro de investimento ocorrer um ano antes”, ressalta. Ele explica que a medida é uma forma de assegurar um tempo mínimo necessário para preparar a estrutura para receber mais alunos. A implantação de cursos novos na Universidade, observa o reitor, também depende da contratação de professores e do aporte financeiro para o pagamento de novas bolsas de estudo.

Para Custódio Almeida, a antecipa-

ção de parte da verba prevista para 2008 “foi uma sinalização clara de que todo o investimento vai ser honrado pelo Governo Federal e, por isso, o cronograma previsto para o programa deverá ser cumprido”. No momento, entretanto, ainda não há definições sobre para onde serão destinados os 5,8 milhões aportados em dezembro na UFC. “A gente está fazendo discussões para escolher as prioridades”, informa Almeida.

A indefinição, segundo o Reitor, se dá pelo fato de o Reuni não se constituir como o único caminho de aporte financeiro da UFC. Além do dinheiro do programa, as verbas recebidas pela Instituição têm origem do Tesouro Nacional, de recursos próprios e de emendas de bancadas. “Temos a definição do que queremos fazer em 2008, mas ainda não sabemos de onde vamos tirar”, garante Moreira. De acordo com o Pró-Reitor de Planejamento, Ernesto Pitombeira, a administração está aguardando sair a verba de recurso próprio da UFC para não haver sobreposição de investimentos.

Uma das ações já definidas para aplicação da verba inicial é a construção do novo prédio do Instituto de Cultura e Arte (ICA), onde irão funcionar os cursos de Estilismo e Moda, Música, Artes Cênicas e Cinema e Audiovisual, estes dois últimos, previstos para terem início em 2010. O novo prédio deve ser construído ao lado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, onde hoje funciona a Imprensa Universitária. “A idéia é que aquela área se torne cada vez mais cultural”, diz Almeida.

Outra prioridade de aplicação da verba é a ampliação da estrutura do Labomar para a instalação do curso de Bacharelado em Oceanografia, que tem início no segundo semestre de 2008. “Onde tem ação de expansão, o dinheiro Reuni vai entrar com criação de novas estruturas e/ou adequação do que a gente já tem”, explica o Reitor.

Ele lembra ainda que a verba de investimento prevista para 2008 será aplicada também nos campi do interior, com a ampliação da estrutura física para a expansão

das atividades acadêmicas no local. Até 2012, a UFC vai criar 17 novos cursos nos três campi do interior do Estado, sendo sete no Campus do Cariri; cinco em Sobral e cinco em Quixadá. O projeto de expansão prevê ainda a abertura de 850 vagas em novos cursos no interior ao longo dos cinco anos de programa.

Projeto de impacto

As discussões acerca da proposta da UFC para o Reuni tiveram início ainda em meados de 2007. Até chegar à versão final, o projeto rendeu ciclos de debates, reuniões, votações do Conselho Universitário (Consuni) e até protestos de alunos, com direito à ocupação da Reitoria. Somente em dezembro o programa ganhou sua forma definitiva e, sem ter sofrido



Quase R\$ 10 milhões devem ser investidos em equipamentos e obras de ampliação em 2008

nenhuma alteração por parte do MEC, entrou em funcionamento.

A aceitação da proposta da UFC, sem nenhum tipo de ressalva, sinaliza a viabilidade da UFC enfrentar, com sucesso, o desafio lançado por ela mesma. Entre os números mais expressivos a serem alcançados está o crescimento do número e do valor de bolsas de assistência e estudiantis, tanto na graduação quanto na pós-graduação.


Neste quesito, o projeto prevê, ao longo dos cinco anos, aumentar em 750% o número de bolsas do Programa de Assistência Estudantil, inclusive elevando o valor; elevar em 100% o número de bolsas de monitoria e de extensão; e oferecer mais

200 bolsas de mestrado e 300 de doutorado. O professor Ernesto Pitombeira diz que a ação vai refletir em outra meta estabelecida pelo projeto que é reduzir para, no máximo, 10% a taxa de evasão escolar. “Dado o número de bolsas de assistência, nós esperamos transformar o número de evasão em uma quantidade plausível”.

A verba de custeio (voltada para este tipo de investimento) está orçada em um total de R\$ 175,478 milhões. Dela também sairão os recursos para as contratações de, pelo menos, 260 professores efetivos e 150 servidores técnico-administrativos. O reforço do corpo docente e de servidores visa atender a demandas antigas de falta de professores e também cobrir a demanda que será gerada com a criação de 27 novos cursos até 2012. Somente com eles, a UFC vai receber 1.310 novos alunos.

A proposta para o Reuni foi de ampliar em 20% o número de vagas ofertadas. Ao todo, está prevista a criação 2.120 vagas, das quais, 810 partirão da expansão de cursos já existentes. A Faculdade de Direito, por exemplo, uma das mais concorridas no vestibular, ganhará a partir do próximo ano, dez vagas a mais. Dentre os cursos já existentes, um dos que mais receberá novas vagas será o de Educação Física, com 25.

Segundo o Reitor, Ícaro Moreira, por enquanto, a prioridade das ações é para a construção e readequação de espaço físico e de equipamentos para as atividades acadêmicas. Um dos aspectos destacados pelo Pró-Reitor de Planejamento é a garantia da edificação de novos prédios com acessibilidade para pessoas portadoras de necessidades especiais. “Nós não vamos ter nenhuma construção nova com problema de acessibilidade”, assegura Pitombeira.

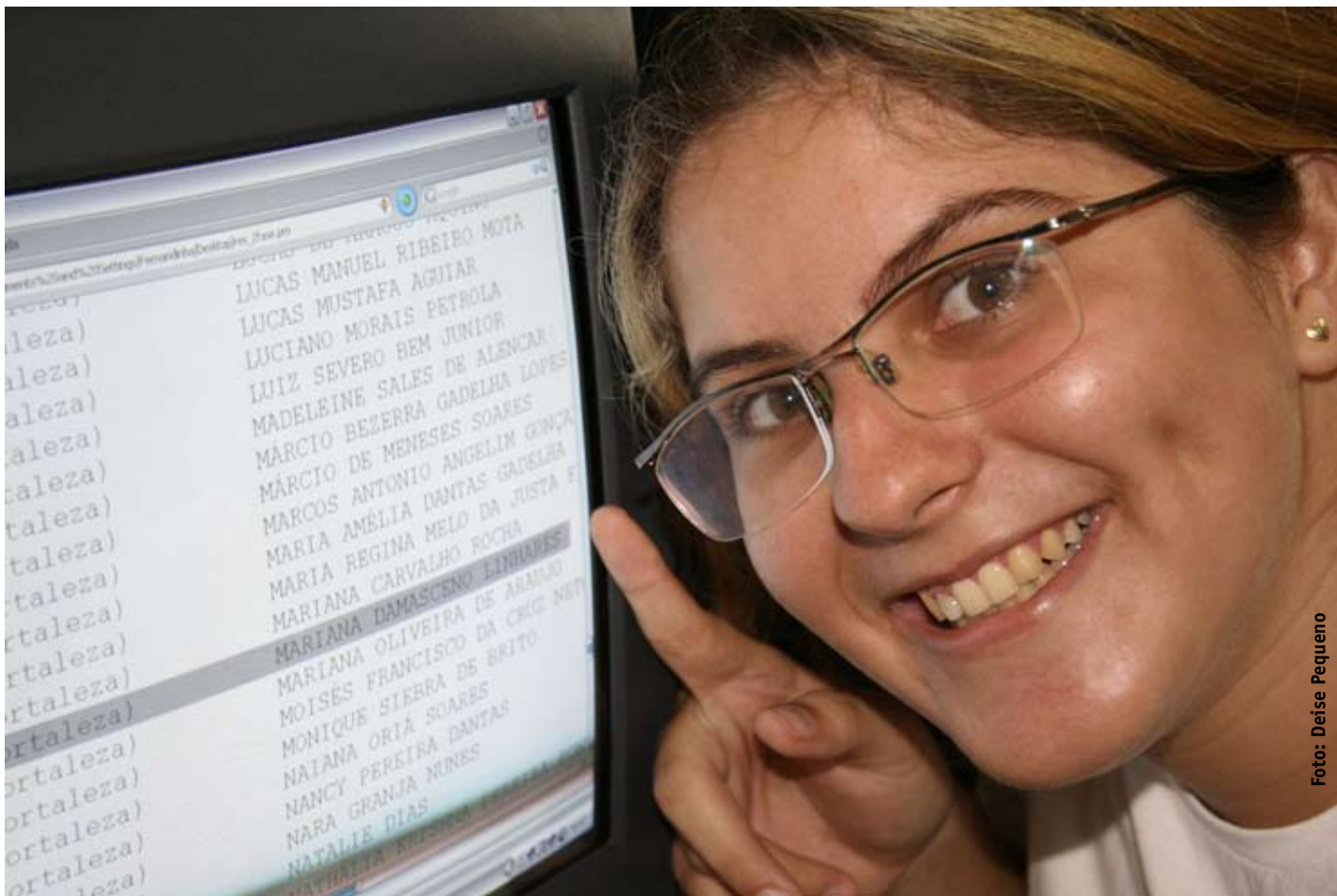
Conforme explicou, além das novas construções, os prédios já existentes passarão por reformas para garantir o acesso de todos os estudantes. Nos prédios que não forem implantados acesso alternativo a todos os níveis, caso seja necessário, as turmas serão deslocadas para salas de aula que permitam o trânsito dos alunos portadores de necessidades especiais. 



4.037 é o número de estudantes aprovados no último vestibular da UFC. O número de inscritos superou 31 mil

A prova dos nove

O vestibular da UFC é uma das seleções mais concorridas do Estado. Conhecer a sua história é ir muito além de números e concorrências. É mergulhar em narrativas de sonhos, vitórias, reivindicações, superações e muita emoção



Mariana Damasceno, 18, conferindo o resultado na net: alegria pela aprovação em Medicina depois da segunda tentativa

O vestibular no Brasil foi criado em:
() 1808 () 1911 () 1915 () 1964
() 1968

É bem provável que esta nunca tenha sido uma questão de vestibular. Se você escolheu a segunda alternativa, acertou. Foi em 1911, no governo de Hermes da Fonseca (1910-1914) que o exame de admissão se tornou obrigatório, com a criação da Lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental. O decreto 8.659, de 5 de abril, definia critérios de provas, banca examinadora, calendário e inscrições. Até então, só os alunos que freqüentavam os colégios mais conceituados ingressavam nas faculdades. A lei foi criada quando o número de candidatos se mostrou muito grande para esse sistema restrito, mesmo assim não resolveu o problema, que persiste quase um século depois.

Em 1915, outro decreto – 11.530, de 18 de março – criava a denominação usada até hoje: vestibular. O nome vem de vestíbulo, ante-sala, mas também quer dizer porta principal, o que talvez melhor traduza o significado que o concurso tem para a maioria dos estudantes. O acesso à universidade se dá por essa porta. Em geral, toda uma vida escolar gira em torno do vestibular, embora ele se resume a algumas horas.

A trajetória educacional, que mobiliza também pais, professores e gestores de ensino, tem, muitas vezes, como meta, a aprovação no vestibular. Meta alcançada por 4.037 candidatos no último concurso da UFC – outros 27.291 ficaram de fora. A notícia da aprovação quase sempre mescla alegria e alívio. Disputar uma vaga na instituição de Ensino Superior mais concorrida e conceituada do Esta-

do é pressão forte para os candidatos, a maioria ainda muito jovem.

“É bom demais, uma felicidade muito grande”, resumiu Mariana Damasceno, minutos depois de conferir na Internet a lista de aprovados para Medicina, no dia 7 de janeiro. O resultado foi um presente. No dia seguinte, ela completou 18 anos. No ano passado, já havia tentado, mas não conseguiu entrar, e recebeu o resultado exatamente no dia do aniversário. Para Davi Melo, 20, a sensação de leveza parece ter sido maior, pois passou também para Medicina na quarta tentativa. “É sem comparação. Foram dez toneladas que eu tirei das minhas costas”, compara.

Vocalista e guitarrista de uma banda de pop rock, Davi deixou de lado a atividade musical durante um ano e meio para se dedicar aos estudos. Em solidariedade



Foto: Deise Pequeno

Davi Melo: quatro tentativas e aprovação em Medicina comemorada como manda a tradição

e estímulo, os colegas não chamaram substituto. Tanto Mariana quanto Davi já haviam sido aprovados em outras universidades – ela para Ciências Biológicas, ele para Medicina. Mas o gostinho de ser aprovado na UFC é diferente. O curso de Medicina foi o terceiro mais concorri-

do no vestibular 2008.

“O vestibular é temido porque seleciona pela qualidade”, avalia a presidente da Coordenadoria de Concursos da UFC (CCV), Maria de Jesus de Sá Correia. Um sistema que sempre gerou dissenso. “Não é dos melhores meios de avaliar,

mas ainda não surgiu nada melhor”, observa Eduardo Átila, estudante de Medicina. “Qualquer que fosse o modelo, em geral os mesmos candidatos entrariam. A qualidade do ensino lá fora é que traça a diferença, não o modelo”, acrescenta Maria de Jesus.

“O modelo sinaliza para a escola o que a universidade defende, influencia muito na escola, inclusive na quantidade de carga horária, e isso é preocupante”, reconhece a presidente da CCV. De fato, as escolas, principalmente as que se “especializaram” em preparar alunos para “apenas” passar no vestibular e aparecer como seus garotos-propaganda nos outdoors, pautam muito a educação que oferecem em função do perfil do vestibular. Em Fortaleza, alguns colégios começam já na sexta série a criar as chamadas turmas avançadas, com a formação direcionada para o vestibular.

Enquanto isso, o sistema público, quase sempre, padece da falta de qualidade, dificultando o acesso dos seus alunos à universidade. “De todos os problemas, o vestibular é apenas um, não é o mais significativo. É necessário mais investimento na educação básica e fundamental e em capacitação dos profissionais que atendem esse público de estudantes”, avalia Rosa Costa, estudante de Direito e professora no Curso Paulo Freire, que prepara alunos de escolas públicas para o vestibular.

Mesmo para quem teve acesso a uma educação de qualidade, o vestibular deveria ser revisto. “Tem quem estuda muito e não consegue passar. O mais difícil não é o vestibular em si, mas a concorrência”, aponta Mariana Damasceno, ela mesma um exemplo – sempre estudou em escola particular considerada de alto nível, mas não conseguiu aprovação na primeira tentativa.

Cada universidade no Brasil opta por critérios próprios de seleção dos alunos. Algumas avaliam o histórico escolar do Ensino Médio, outras aplicam um sistema em que a pontuação do vestibular é somada ao desempenho do nível médio,



Maria de Jesus Correia, presidente da CCV: qualquer que fosse o modelo, mesmos candidatos passariam no vestibular



Arinice de Menezes foi aluna de cursinho para alunos de escola pública. Hoje cursa Farmácia na UFC e ajuda novos candidatos a se prepararem

e há também instituições que adotam o modelo seriado, incluindo provas anuais durante o Ensino Médio com média ponderada. A UFC segue o vestibular tradicional, em duas etapas.

Pouco acesso ao Ensino Superior

Apenas 12,1% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos estão na universidade. É o que aponta o Ministério da Educação. Coincidência ou não, o número de vagas (4.037) preenchidas pela UFC no último vestibular corresponde a 12,8% do total de inscritos (31.328). Provavelmente, pequena parte dessa demanda é absorvida por outras universidades. A partir de 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o governo autorizou a abertura de uma grande quantidade de faculdades privadas. Embora absorvam cerca de quatro vezes mais alunos que as instituições públicas, muitos jovens continuam sem acesso ao Ensino Superior.

O governo também passou a investir no ingresso e permanência na universidade de alunos que não têm condições de pagar o ensino. O Programa Universi-

dade para Todos (Prouni) oferece bolsas de estudos para alunos de baixa renda e o Programa de Financiamento Estudantil (Fies) foi criado em 1999 para substituir o Programa de Crédito Educativo. As universidades públicas atendem mais os alunos egressos da rede privada. Na UFC, por exemplo, em 2008, dos 4.037 aprovados, apenas 624 são de escolas públicas, 15,45%.

Numa tentativa de oferecer mais condições de ingresso aos estudantes da rede pública, duas medidas ainda causam polêmica e são apenas pontualmente utilizadas: o sistema de cotas e a inclusão da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) na pontuação do vestibular. O Conselho Universitário da UFC decidiu aguardar posicionamento do Congresso Nacional sobre as cotas. Em relação ao Enem, a nota foi incluída no vestibular 2001, mas retirada em 2004, após muitos questionamentos por alunos que se sentiram prejudicados.

Para diminuir as desvantagens dos candidatos da rede pública

Para reduzir o fosso entre os alunos

da rede pública e os da rede particular no acesso ao Ensino Superior, iniciativas dentro da própria UFC tentam oferecer aos estudantes de escolas públicas uma melhor formação para o vestibular. Coordenados e ministrados voluntariamente por estudantes, professores e servidores da Universidade, existem cinco cursinhos preparatórios que estão oferecendo 1.830 vagas em 2008.

Com mensalidades que variam de R\$ 18,00 a R\$ 70,00, os cursinhos são uma alternativa à indústria de pré-vestibulares e têm contribuído para ajudar muitos estudantes a entrar na Universidade. O Projeto Novo Vestibular (PNV), do Centro Acadêmico de História, o mais antigo da UFC, com 20 anos de atividades, comemora as 60 aprovações para cursos da Universidade, entre os 250 inscritos no último concurso.

O gosto pela leitura, a preparação cedo e as aulas no cursinho XII de Maio, da Faculdade de Medicina, ajudaram Elvivo Franklin, 17, a ser aprovado para o curso de História em primeira tentativa, no vestibular 2008. Ele cursou o Ensino Médio em escola pública e no segundo semestre do terceiro ano começou também a frequentar o cursinho da UFC. “É excelente, os professores são muito bons”.

Em oito anos de existência, o Curso Paulo Freire já atendeu cerca de 500 pessoas, público que em geral trabalha durante toda a semana, alguns de 12 a 14 horas por dia e que se dividem entre as responsabilidades profissionais e domésticas. É o único cursinho da UFC que funciona apenas aos sábados e domingos.

“Não se trata de uma caridade, um favor o que a gente está fazendo. É uma experiência que a gente recebe tanto quanto a pessoa que está assistindo a sua aula”, observa Rosa Costa, estudante de Direito e professora voluntária de Língua Portuguesa no Curso Paulo Freire. Segundo Rosa, falta despertar mais o voluntariado dentro da própria Universidade.

A estudante de Farmácia, Arinice de

Menezes, viveu múltiplas experiências de trocas. Aluna do Curso Paulo Freire em 2000, foi aprovada para Química no vestibular da Uece. Em 2004, voltou a ser aluna do cursinho e passou para Farmácia na UFC. Aluna de escola pública durante todo o Ensino Médio, moradora de Maracanaú, na Região Metropolitana, chegou a tentar três vezes o vestibular para Medicina, mas não conseguiu aprovação. Querendo dar sua parcela de contribuição ao projeto, voltou como professora voluntária em 2005 e, no ano seguinte, foi diretora do cursinho.

Inovações recentes no vestibular da UFC

O vestibular da UFC passou a contar com avanços importantes nos últimos anos. Em 2005, por exemplo, os candidatos começaram a ter acesso à cópia de prova e direito à revisão – antes, isso só era possível com autorização judicial. Identificada a falha na correção, se o candidato conseguir ficar entre os aprovados, a inclusão dele não significa exclusão de outro. O resultado anunciado anteriormente não muda.

Até 2006, a lista era divulgada por ordem de classificação, mas a CCV passou a liberar a relação em ordem alfabética.

“Especulava-se que houvesse um mercado de compra de vagas, em que classificáveis assediavam classificados”, diz a presidente da CCV, Maria de Jesus. A partir de então, a CCV autorizou apenas ao próprio candidato o acesso ao resultado por classificação.

Em relação a essa questão, a presidente da CCV acrescenta que o “primeiro lugar geral”, anunciado por escolas e cursinhos em anúncios publicitários, não passa de uma lenda. “Não existe primeiro lugar geral da UFC, porque só existe primeiro lugar por curso. Os candidatos concorrem com o próprio grupo. Os primeiros lugares não são comparáveis entre si. Já houve aluno de cursos menos concorridos que obteve a maior média ponderada, mas não significa que é o melhor aluno da universidade”.

Ainda em 2005, as inscrições começaram a ser feitas via Internet e no último vestibular todas foram feitas a distância, pelo computador. No vestibular de 2008, outra novidade foi a inclusão da data do resultado do concurso em edital. No ano anterior, o dia foi anunciado previamente pela primeira vez, mas não em edital. Mais uma inovação do último concurso foram as impressões digitais dos candidatos colhidas na hora, dando mais segurança ao processo. Em nome da

segurança, também foi proibido o porte de celular. “Tínhamos casos de candidatos que entregavam um e ficavam com vários”, observa Maria de Jesus. Para o próximo vestibular, ela anuncia que haverá detector de metais.

Da emoção do rádio à rapidez da Internet

A Rádio Universitária já foi o ponto central de divulgação do resultado do vestibular da UFC. Antes da rede mundial de computadores, e mesmo com o advento da Internet, o pátio da rádio ficava lotado. “Às vezes, tínhamos cerca de 800 pessoas esperando. Para conseguir afixar a lista, era uma briga de corpo. Eu terminava toda descabelada”, relembra a jornalista Fátima Leite. Os telefones não paravam de tocar. “A gente nem dizia ‘alô’. Ao atender, perguntava logo ‘qual o curso?’”, acrescenta. A lista com os nomes dos aprovados é ainda afixada na área externa da rádio, as pessoas continuam ligando para a emissora, mas a procura diminuiu.

Fátima participa há mais de 15 anos da cobertura do resultado do vestibular pela rádio e comparece à emissora para coordenar o processo de divulgação, mesmo estando em férias. Além da coordenação, também faz a locução quando necessário, pois sempre dois ou três locutores se revezam, porque a divulgação de toda a lista dura cerca de três horas. A leitura era ainda mais fatigante quando também se divulgava o resultado da primeira etapa – levava até mais de sete horas para terminar a relação. “Nós avaliamos que, com a Internet, isso é contraproducente e decidimos passar a divulgar só o resultado da segunda etapa”.

Nessa tarefa de ler os nomes, surgiam situações embaraçosas. O coordenador geral do Núcleo de Divulgação em Radiodifusão de Programas em Extensão da UFC (Nuproex) – Rádio Universitária, Nonato Lima, fez o trabalho durante anos na década de 80 e diz que muitos nomes eram tão complexos que não tinha segurança da pronúncia. Atenção redobrada. Fátima



A jornalista Fátima Leite em ação na Rádio Universitária: sensibilidade e cuidado na hora de informar sobre a temida lista

Passeata dos bichos, em 1967: protesto contra ditadura aliada à exigência de mais vagas na Universidade



Leite observa que, como muitos prenomes são iguais, é preciso muito cuidado na hora de dar a informação se alguém passou ou não. “É um resultado que abala tanto positivamente quanto negativamente. O aluno se prepara o ano inteiro”. Com a experiência que tem em acompanhar o processo, ela desenvolveu algumas manhas. Quando alguém liga para saber se foi aprovado, ao invés de informar que a pessoa não passou, prefere responder que “infelizmente, o nome não consta na lista”. “Não dá para ser aquele atendimento técnico”, justifica.

O movimento dos excedentes

Se o vestibular ainda aterroriza os can-

didatos, o que diziam os estudantes que se submeteram às provas antes da década de 1960? Até então, os exames exigiam muito dos alunos, pois a seleção incluía, além de uma etapa com provas escritas dissertativas, outra com provas orais de temas sorteados na hora. Como o processo era mais difícil e nem sempre havia tantos candidatos para o número de vagas, se elas não fossem preenchidas, nova convocação era feita.

Em meados dos anos 60, surgiram as questões de múltipla escolha e os testes passaram a ser processados em computadores, facilitando a correção. A novidade representou um avanço, em função do elevado número de candidatos, mas trouxe

um problema. O critério de nota mínima liberava mais aprovados que o número de vagas ofertadas, que passavam a ser preenchidas pelos primeiros colocados. Os outros ficavam aguardando expansão de oferta. Eram os excedentes que, na época, em pleno regime militar, faziam mobilizações Brasil afora pela inclusão no Ensino Superior.

Em Fortaleza, a Passeata dos Bichos combinou contestação ao regime e reivindicação pela solução do problema dos excedentes, mais comum em cursos como Direito, Medicina e Odontologia, como lembra o então estudante de Direito, Pedro Albuquerque. “O movimento estudantil se agitava em defesa da incor-

poração desses excedentes, diferentemente de hoje, quando os próprios centros ou diretórios acadêmicos tendem à limitação das vagas em nome da manutenção da qualidade. Na época, a quantidade era uma qualidade, pois democratizava mais a universidade”.

A resposta dada pelo governo veio com a Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, que substituiu o critério de habilitação pelo de classificação, com seleção por notas máximas. Mudança substancial não houve, apenas adequação do critério de aprovação ao número de vagas.

O vestibular sob a repressão

Nos tempos da repressão, as histórias de vestibular envolvendo engajados tinham algo mais de emoção. O ex-presos político José Auri Pinheiro lembra que o colega de resistência ao regime Dower Morais Cavalcanti, já falecido, se preparou na prisão para concorrer ao vestibular de Medicina e conseguiu aprovação. É da memória de Auri que também vem o relato sobre outro opositor da ditadura, Edilson Pinheiro Peixoto, que teve a vida acadêmica interrompida pelo menos duas vezes.

Ele fez vestibular para Agronomia, foi aprovado e no momento da matrícula estava preso. No ano seguinte, foi aprovado para Medicina. “Naquele momento ocorreram as prisões relativas ao Araguaia. Eu fui preso e ele partiu para a clandestinidade, indo residir em São Paulo”, descreve Auri, referindo-se à guerrilha mais conhecida do período, na região do Pará e Goiás, na década de 1970. Só após algum tempo, Edilson tentou Farmácia na USP, foi aprovado e concluiu o curso, em 1982.

Em 1966, Pedro Albuquerque foi aprovado em Direito na UFC, mas lembra que muitos candidatos não passaram principalmente por causa da Redação. Com dois anos sob um governo linha dura, o tema era difícil e simbólico como o período: “Qual o lenitivo que a natureza oferece para suavizar a nossa dor?”. Pedro passou pela Redação, mas não passou despercebido aos olhos da repressão. “Em 1969

minha matrícula foi proibida, decisão sumária da Universidade obedecendo à ordem direta do Comando da 10ª. Região Militar. Esse curso vim terminar em 2003, após 35 anos, quando tive, em 1999, o meu requerimento de pedido de devolução de matrícula deferido pela UFC”.

Polêmica taxa de inscrição

R\$ 110 para o curso de Arquitetura e Urbanismo, R\$ 100 para os demais cursos. A taxa de inscrição para o vestibular 2008 da UFC provocou protestos de estudantes. Eles reclamaram dos altos valores e da redução no número de isentos. A presidente da CCV explica que até 2006, a isenção beneficiava todos os egressos de escola pú-



Kênia Rios, professora do Departamento de História: luta pela isenção, quando estudante, e contestação de critérios

blica – 100% na primeira vez e, se houvesse outras tentativas, percentuais menores até o terceiro vestibular; depois disso, o candidato teria de pagar taxa integral.

A CCV mudou o critério de isenção, passando a considerar a insuficiência financeira. Os questionários aplicados pela comissão que reúnem dados sobre a renda

familiar, por exemplo, identificavam distorções. Assim, a comissão passou a avaliar condições de salário, mas também de habitação, saneamento e escolaridade dos pais.

Para 2008, a Administração Superior avaliou que havia um número grande de isentos, embora o retorno fosse pequeno. “Alguns não vinham fazer a prova, outros nem se inscreviam”, explica Maria de Jesus. A Universidade limitou então a 30% dos inscritos o percentual de isentos. “Depois de toda peleja e polêmica, compareceu o número equivalente ao estimado”, acrescenta. Em 2007, o número de isentos correspondeu a 41,06% dos inscritos, em 2008 a 26,77%.

Segundo a presidente da CCV, o valor cobrado é o necessário para dar conta de todas as despesas. “Tudo é pago pela UFC e envolve medidas de segurança, capacitação de pessoal, aquisição de material e desenvolvimento de sistemas computacionais. É um processo que se estende por seis meses de trabalho intenso”.

Independente das razões para a definição do valor da cobrança, o certo – ou errado – é que, por causa da taxa, alguns estudantes podem perder a chance de chegar ao Ensino Superior. Hoje professora doutora do Departamento de História da UFC, Kênia Rios não tinha como pagar o valor quando foi prestar vestibular, em 1992. Depois de passar por uma entrevista na CCV, foi comunicada por uma das funcionárias que não teria como receber isenção. “A entrevista era pra saber se eu era pobre ou não. A mulher não ficou convencida de que eu era pobre. O meu pai era autônomo, mas ela queria um contracheque para comprovar a renda”.

Kênia reagiu. “Sei que se eu fizer o vestibular, eu passo. Se eu não entrar na universidade, a responsabilidade será sua. Carregue essa culpa com a senhora”, disse, dirigindo-se à funcionária. A estudante saiu certa de que não receberia isenção, mas acabou tendo o nome incluído na lista de isentos. “Tentei o vestibular, fiz o curso e hoje sou professora efetiva do Departamento de História”. UF

Histórias de Vestibular

Com medo da Federal

O telefone toca. A mãe de Madalena atende.

– Alô.

– Aqui é da Federal. É da residência de Madalena de Andrade Assante?

– É sim. Ah, meu Deus, o que a minha filha fez?

A mãe ligou para Madalena e disse que ela voltasse urgentemente para casa porque “o rapaz da Federal havia ligado”. Madalena saiu correndo, tropeçou, machucou-se toda e foi pra casa. “Meu joelho lascado”, lembra.

Era começo de 2003. Ela já estava se preparando para o próximo vestibular, pois havia tentado para aquele ano, mas ficou em primeiro lugar nos classificáveis para o curso de Letras. Ao chegar em casa, o alívio. Não era a Polícia Federal que estava a sua procura, como também imaginava. Era a Universidade Federal do Ceará convocando a estudante para a matrícula, pois um dos aprovados não havia comparecido. “Eu não sabia se chorava pela dor ou pela emoção”.

No mesmo dia, fez a matrícula, e no dia seguinte já estava em sala, pois havia perdido quase dois meses de aula. “Foi muita felicidade. Valia a pena cair para entrar na UFC”, brinca hoje a estudante, que já havia tentado o vestibular para Ciências Sociais e também tinha ficado classificável, em segundo lugar.

Primeiro lugar depois de duas reprovações

Hoje ele está bem perto de se tornar médico – faz o nono semestre do curso, mas se não fosse a insistência, talvez estivesse seguindo outro caminho. O estudante André Barbosa de Araújo tentou o vestibular para Medicina, na UFC, em 2001 e em 2002, mas não passou da primeira fase. Em 2003, para compensar a frustração obteve o primeiro lugar. “Eu esperava que ia passar, mas não em primeiro lugar. Foi surpresa e alívio”. Ele, que sempre quis fazer Medicina, lembra que nas duas primeiras tentativas deixou de fazer praticamente tudo para estudar e que na terceira vez relaxou. “Todo dia eu ia para a academia”, compara.

Revisão de prova que garantiu vaga

Eram 50 vagas, mas ela ficou em 51º lugar. “Foi um choque. Eu achava que ia passar”, conta Zilma Karlla Barbosa Bezerra, que prestou vestibular para Comunicação Social – Publicidade, em 2003. Diante do resultado, não confiou na sorte de entrar pela desistência de algum classificado e apostou em pedir revisão de prova. Não deu outra. Aumentou um ponto na prova de Português e ficou na 47ª colocação. A expectativa foi ainda maior diante do documento que confirmaria ou retificaria o resultado, pois ela estudava desde a quinta série em um dos mais renomados colégios da Capital, mas com bolsa de estudo porque se saía bem nas olimpíadas de Matemática. “Eu não tinha condições de pagar cursinho”. Quem acabou sendo beneficiada pela disposição de Zilma foi a candidata uma colocação atrás. Wedila Gonçalves Belo ficou em 52º lugar, mas na desistência de um aluno e com a recolocação de Zilma, acabou também entrando. “Eu fui para a chamada dos classificáveis sem criar grande expectativa. Foi um misto de alegria e surpresa”, diz Wedila.

91º lugar com sabor de 1º

Quando o advogado Francis Menezes dos Santos prestou vestibular para a UFC em 2000 ficou em 91º lugar, mas só eram 90 vagas. Ele comparou a lista de aprovados com a de outras universidades dentro e fora do Estado e identificou vários nomes se repetindo, mas não acreditava na desistência de alguém, porque o curso de Direito da UFC é bem conceituado e, por isso, muito concorrido. Mas a mãe não perdia a esperança.

Meses depois, ele ficou sabendo pelo jornal que havia uma única vaga remanescente. Era a dele. “Foi uma alegria postergada. Valeu como se tivesse passado em primeiro lugar”, avalia Francis, que fez o Ensino Médio em escola pública. Anos depois, conheceu o candidato que havia ficado em 92º lugar. “Ele disse que, se soubesse que era eu o 91º, tinha me matado. Depois, nós ficamos amigos”, brinca.

O estudante de Computação da UFC, Ricardo Palácio, fez curso de seis meses na Universidade da Geórgia (EUA)

Experiências em terra estrangeira

Com o estreitamento de relações entre os países, estudar no exterior tem ficado cada vez mais fácil. Na UFC, alunos, professores e servidores técnico-administrativos têm a chance de fazer intercâmbios em 30 países do mundo

Sonho. Oportunidade. Crescimento pessoal, cultural, profissional. Aventura. Novas experiências. Para a maioria dos jovens estudantes brasileiros, um misto de tudo isso representa bem o significado de fazer um intercâmbio estudantil no exterior. Nos últimos anos, milhares de jovens brasileiros tiveram essa oportunidade e outros milhares sonham em um dia poder também viver a mesma experiência.

Com o estreitamento de relações entre os países, estudar no exterior tem deixado, cada vez mais, de ser uma possibilidade remota para boa parte dos estudantes universitários. Um dos motivos é o crescente número de acordos e convênios que vêm sendo estabelecidos entre as Instituições de Ensino Superior (IES) de diversas regiões do mundo.

Somente na Universidade Federal do Ceará (UFC), no período de 2003 a junho de 2007, foram firmados 93 convênios, estreitando as relações da instituição com 14 países. No mesmo período, 112 professores e 281 alunos da graduação e pós-graduação da UFC realizaram estudos no exterior, enquanto 363 alunos de instituições estrangeiras e 41 professores vieram estudar, ensinar ou desenvolver pesquisas na federal cearense.

De acordo com dados da Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFC (CAI), atualmente cerca de 87 alunos estão participando de intercâmbios no exterior. Destes, 35% estão na Espanha, 35% em Portugal, 20% na França, 6% na Alemanha e 3% na Argentina. As opções de países, entretanto, não se esgotam por aí. Hoje, os convênios estabelecidos entre a UFC e outras IES já incluem 30 países, cada um deles ofertando, no mínimo, um programa de intercâmbio.

Segundo a coordenadora de Assuntos Internacionais da UFC, Maria Elias Soares, a procura por oportunidades de fazer um intercâmbio tem aumentado muito. As áreas mais procuradas são: Administração,

Engenharia e Arquitetura e Urbanismo. De acordo com Soares, estudantes, docentes e servidores técnico-administrativos de todas as áreas da UFC têm a possibilidade de participar de um intercâmbio, mas as oportunidades ainda são maiores para os alunos da pós-graduação.

“Para a graduação, as vagas não chegam a 30 em toda a UFC. Para a pós, as possibilidades são muito maiores”, afirma. Um dos motivos é o fato de boa parte dos convênios estabelecidos entre as instituições partirem da iniciativa dos próprios professores. Com o interesse de desenvolver novas pesquisas e estender as que já existem, eles buscam contatos no exterior e acabam conseguindo firmar acordos e convênios com as instituições estrangeiras. E como o volume de pesquisas realizadas nos cursos



Alunos do Programa Mudando Perspectivas, nos EUA, em 2006

de pós-graduação é significativamente superior ao da graduação, a quantidade de professores que buscam novos contatos acaba sendo maior também.

A importância dessa relação com universidades do exterior para os cursos de pós-graduação vai além do interesse próprio do professor. Tanto que, em avaliações de programas de pós-graduação como a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por exemplo, um dos pontos analisados para conceituar o programa é o número de professores visitantes no curso e de convênios estabelecidos com outras instituições.

Na Faculdade de Direito da UFC, um

convênio estabelecido com a Universidade de Le Havre, na França, tem beneficiado tanto a professores quanto a alunos do programa de pós-graduação do curso. O acordo foi fechado em 2005, a partir da iniciativa da professora brasileira radicada na França, Leda Guillemette, titular da Universidade de Le Havre, e da coordenadora do curso de pós-graduação da Faculdade de Direito, Denise Lucena.

O convênio já permitiu a ida de cinco alunos cearenses e a vinda de um estudante francês para a UFC. Além disso, pelo menos dois professores brasileiros já lecionaram por um período em Le Havre. O mais importante, ressalta a coordenadora, é a possibilidade dos alunos conhecerem a cultura jurídica de outro país. Para ela, o intercâmbio é benéfico para os estudantes

porque lá eles não estão perdendo tempo de estudo, uma vez que, ao retornarem, poderão aproveitar as disciplinas cursadas.

Em outubro deste ano o convênio será solidificado com a realização de um congresso internacional envolvendo as duas universidades. Com o tema “Justiça Social no Século XXI: Alternativas Jurídicas”, o evento espera promover um grande encontro entre os professores franceses e brasileiros que atuam na área.

Segundo Denise Lucena, pelo menos quatro professores franceses já confirmaram a presença no congresso.

Novas oportunidades

Embora a pós-graduação ainda seja o grande atrativo para a firmação de convênios, os professores da graduação também têm dado a sua contribuição para estreitar os laços com instituições estrangeiras. O professor Henrique Beltrão, do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, é um exemplo disso. Em 2004, convidado para dar aulas de francês no Instituto Nacional de Ciências Aplicadas (INSA),

na cidade de Lyon (França), o professor aproveitou a oportunidade para iniciar um convênio entre a UFC e o INSA, instituição avaliada como escola com nível de excelência na área de Engenharia.

O acordo, com validade de cinco anos, firmado entre as instituições abriu oportunidades aos estudantes de graduação dos cursos de engenharias. Através do programa, aproximadamente 12 alunos da UFC e quatro professores já desenvolveram atividades acadêmicas no INSA. A contrapartida, resalta Beltrão, é que não tem sido satisfatória. “Até agora, só um professor de lá veio e nenhum aluno”, acrescenta.

Como os alunos, os professores participantes de intercâmbios também têm que se adequar a algumas condições do programa que nem sempre são as mais “interessantes”. No caso do professor Henrique Beltrão, o desafio foi voltar aos seus tempos de estudante e morar, por seis semanas, em uma residência universitária dentro do próprio INSA. Mas ele não reclama: “Dar aula de francês na França, é uma oportunidade única!”, comemora.

Financiamento para o aprendizado

Outra fonte de oferta de intercâmbios são as agências de fomento de pesquisa. Através da abertura de editais, elas possibilitam a ida e vinda de alunos e professores de diferentes partes do mundo. A jornalista Deise Pequeno, recém-formada pelo curso de Comunicação Social da UFC, foi uma das beneficiadas por programas de intercâmbio apoiados pelas agências de fomento.

Durante seis meses, a jornalista teve a oportunidade de estudar na Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, com uma bolsa de 600 dólares financiada pela Capes. As verbas próprias gastas com a viagem se restringiram ao pagamento da matrícula na universidade que, mesmo sendo pública, cobra um valor alto pela taxa. Deise, juntamente com outros quatro alunos da UFC, participou do Programa Mudando Perspectivas, no ano de 2006. Além do curso ofertado na universidade, o Programa consistia em um trabalho desenvolvido pelos alunos em escolas públicas.



A jornalista Deise Pequeno (à direita): curso na Universidade da Geórgia e convivência com hábitos cotidianos dos americanos

No caso da jornalista, a missão era ensinar crianças de 5ª a 8ª de uma escola pública da Geórgia a utilizarem meios audiovisuais, mais especificamente a Internet, como um meio de descobrir o mundo. Com sua ajuda, os alunos faziam seus próprios vídeos e desenvolviam trabalhos por meio da rede de computadores.

Para Deise Pequeno, apesar da crescente “americanização” dos brasileiros, uma das coisas mais interessantes da viagem foi descobrir o comportamento cotidiano dos americanos, como eles se portam na escola e em festas. Ela conta que na escola, a forma rígida de educar as crianças foi o que mais chamou sua atenção. “É muito diferente do Brasil”, relata.

Esse choque de culturas tão próprio dos intercâmbios estudantis é comum também fora das salas de aula. Como os convênios são estabelecidos entre universidades de diversas partes do mundo, os jovens participantes de um mesmo programa costumam dividir apartamentos ou alojamentos da própria universidade. O resultado é uma mistura de culturas completamente diferentes sob um mesmo teto.

No período que esteve na Geórgia, Deise dividiu apartamento com mais três meninas: uma romena, uma indiana e uma chinesa. No lugar de desentendimentos, o que reinou foi respeito e compreensão. “A convivência com outra nacionalidade ajun-

dou a aprender a respeitar mais as diferenças e individualidades”, diz.

Já para o estudante do curso de Computação da UFC, Ricardo Palácio, também integrante do Mudando Perspectivas de 2006, a convivência foi com mais três americanos, o que, mesmo não tendo maior diversidade de culturas, permitiu ao estudante conhecer mais de perto o modo de vida dos vizinhos estadunidenses. E aos que ainda estão por ir, ele recomenda: “Conheça tudo o que diverge da nossa cultura. Não ande só com brasileiros”.

Oportunidades além-intercâmbio

Ampliar a visão de mundo e conhecer novas culturas são, geralmente, apontadas como duas vantagens principais que um intercâmbio acadêmico proporciona a quem vive uma experiência desse tipo. Os benefícios, entretanto, vão muito além do período de estada no outro país. Para a engenheira elétrica Elaine Araújo, a realização de um intercâmbio de cinco meses na *University of Louisiana at Lafayette (ULL)*, no estado de Louisiana (Estados Unidos), foi decisiva para a definição da sua carreira profissional.

Graças a uma bolsa concedida pelo convênio estabelecido entre a ULL, a UFC e a Universidade de Campinas (UNICAMP), ainda quando estudante do curso de Engenharia Elétrica da UFC, Elaine cursou

um semestre na faculdade de Engenharia de Petróleo da ULL. A carga horária estudada na universidade americana foi suficiente para atender aos pré-requisitos exigidos no concurso para o cargo de engenheiro de petróleo da empresa estatal Petrobras, onde hoje é funcionária.

Ela conta que quando saiu o edital do concurso, ainda estava na universidade e a vaga oferecida para a área de Engenharia Elétrica exigia, no mínimo, três anos de experiência. Já para o cargo de Engenheiro de Petróleo, havia vaga para Engenheiro Júnior (sem necessidade de experiência). Para a sua sorte, pela primeira vez, a Petrobras exigia uma carga horária mínima na área de Engenharia de Petróleo e Gás Natural, o que abria possibilidade aos engenheiros de qualquer área fazerem o concurso. “Somando os créditos da minha bolsa da Agência Nacional de Petróleo com os créditos cursados neste intercâmbio, eu consegui a carga horária exigida. Eu me inscrevi para o concurso e acabou dando certo”, relembra.

Para conseguir esta realização profissional, o caminho percorrido pela engenheira exigiu muito estudo e dedicação durante a faculdade. Segundo ela, o edital do programa de intercâmbio impôs uma série de pré-requisitos aos candidatos às bolsas de estudo. O interessado deveria ser estudante de Engenharia, ter um IRA maior que 7,0, ter inglês fluente e ter cursado algumas disciplinas na área de Petróleo e Gás Natural.

Já a última fase da seleção compreendeu em uma entrevista em inglês com os coordenadores do Programa, professores da UFC e UNICAMP. “Como eu era bolsista da Agência Nacional de Petróleo, outro programa da UFC, eu já havia cursado as disciplinas de Petróleo que eram exigidas. O inglês também não era problema e meu perfil acabou se encaixando”, diz.

Elaine lembra que, além das oportunidades profissionais, o intercâmbio deu-lhe chances, também, de conhecer pessoas de vários lugares do mundo. “Além de muitos latinos, tive contato com árabes, libaneses, chineses, iranianos e por aí vai. Com essas amizades, tive a oportunidade de conhecer um pouco da cultura de outros países. Esta parte, na minha opinião, foi a mais interes-



Lembranças de viagem: a engenheira elétrica Elaine Araújo durante temporada de cinco meses na Louisiana (EUA)

sante”, confidencia.

Marinheiro de primeira viagem

Apesar das dificuldades de participar de um intercâmbio terem sido consideravelmente reduzidas ao longo dos anos, milhares de jovens estudantes ainda sonham em conseguir estudar em unidades acadêmicas estrangeiras. A partir do dia 18 de fevereiro, o estudante de Publicidade e Propaganda da UFC, Pedro Marques, vai deixar de fazer parte desse grupo. Na data, o estudante embarca para a Espanha para estudar História da Arte na Universidade de Santiago de Compostela.

Segundo ele, o objetivo, na verdade, é realizar um desejo antigo de estudar Cinema. O feito será possível através da inscrição nas disciplinas da área apenas como ouvinte, uma vez que a UFC ainda não oferece um curso de cinema, o que inviabiliza o apro-

veitamento da disciplina na universidade cearense (pré-requisito básico para o aluno ser aceito nos programas de intercâmbio de mobilidade livre, ou seja, que não são ligados a editais ou projetos específicos).

Para Pedro Marques, a viagem é também a realização de um sonho de adolescente. “Desde os meus 15, 16 anos que eu queria ir”, confessa. A oportunidade surgiu quando um amigo de faculdade deu a dica sobre a possibilidade de realizar um intercâmbio na Espanha, sem precisar pagar pelo curso na universidade. Em maio de 2007, começaram os preparativos.

Muita burocracia depois e alguns reais a menos no bolso, Pedro conta que passou a estudar espanhol em casa com uma amiga para não ter problemas com língua no outro país, e não esconde a ansiedade. “Não vejo a hora de chegar dia 18 de fevereiro, às 21h”.📍

Novos instrumentos de ensino

Especialista em formação de profissionais de ensino na área de saúde fala sobre os novos métodos de aprendizagem que podem tornar o atendimento de pacientes mais humano e eficiente



Henk Schmidt, da Universidade Erasmus de Roterdã, é referência mundial na formação de profissionais de ensino na área de Saúde

Os avanços da Medicina e das áreas biomédicas exigem profissionais de saúde cada vez mais antenados com novos conhecimentos e tecnologias. Esse novo aprendizado não deve, no entanto, perder o foco principal, que é o paciente. “É óbvio que o profissional de saúde precisa estar muito mais competente tecnologicamente, mas aí você tem o risco de o médico se reduzir a um mecânico de oficina”, alerta o professor da Universidade Erasmus de Rotterdam, na Holanda, Henk Schmidt, referência mundial na formação de profissionais envolvidos no ensino na área de saúde.

Henk esteve em Fortaleza no início de dezembro do ano passado, quando participou do simpósio “A Educação dos Profissionais de Saúde: Avanços Recentes e Novas Fronteiras”, realizado pela Escola de Saúde Pública em parceria com a Universidade Federal do Ceará. O evento foi aberto a 80 pessoas envolvidas com o ensino de profissionais de saúde e pesquisas na área, a maioria professores dos cursos de Medicina no Estado, e discutiu a qualidade da formação oferecida, abordando temas como a importância da relação médico-paciente.

Na avaliação do holandês, a educação dos profissionais de saúde no Brasil é boa, mas conservadora. Para ser mais ousada, precisaria incorporar novos sistemas e abordagens de ensino e aprendizagem que ele expôs durante o simpósio. “Pesquisas mostram que os alunos das escolas com essas novas abordagens têm um raciocínio clínico melhor. Então, conseqüentemente, o diagnóstico deles é melhor. Eles têm melhores habilidades de comunicação, são

mais criativos, trabalham mais e melhor em equipe e apresentam um maior nível de aceitação desses cursos”.

A seguir, a entrevista com Henk Schmidt, que contou com a colaboração de uma tradutora e o auxílio do médico Júlio Penaforte.

O que falta hoje na formação dos profissionais de saúde? O que precisa ser enfatizado na formação desses profissionais?

A educação para profissionais de saúde em Fortaleza e, em geral, no Brasil, é muito boa, está dentro dos padrões internacionais, porém o sistema brasileiro é um pouco conservador. Há muitas mudanças, muitas coisas acontecendo lá fora, muitos avanços e, talvez, o sistema brasileiro não tenha acompanhado com tanta celeridade esse progresso.

O sistema brasileiro é conservador em que aspecto e em função de quê?

Há uma tendência de se usar métodos de educação que estão sendo usados há séculos. Um exemplo é o uso histórico de palestras. O uso de palestras vem de um tempo quando não havia acesso a muitos livros. Então, literalmente, o palestrante passava as informações dos livros aos alunos. Isso, hoje em dia, não tem tanta lógica, está um pouco ultrapassado. O acesso à informação deve ser outro, mas o problema é que há uma presunção de que, se você fizer uma palestra para uma pessoa, ela vai lembrar do que você disse. Eu me interessava muito em procurar outras abordagens.

Que abordagens, alternativas, são essas?

Trabalhar com grupos pequenos, a aprendizagem com base em problemas, o treinamento de habilidades já bem no início da carreira do estudante... Por exemplo, um aluno de Medicina só aprende a medir a pressão arterial quando chega ao estágio clínico, ou seja, lá pelo quarto, quinto ano, quando isso poderia ser ensinado muito mais cedo, porque no estágio clínico há coisas muito mais importantes a aprender.

O Brasil precisa então avançar nesses aspectos?

Existem algumas universidades, algumas escolas de Medicina que já estão muito avançadas nesses sistemas, mas muitas ainda não avançaram, não demonstraram interesse por essas novas abordagens.

Que universidades brasileiras e institutos de formação de profissionais de saúde já estão assimilando esse novo sistema?

Alguns institutos ou escolas de Medicina no Brasil têm essas abordagens mais modernas. Em Roraima, Minas Gerais, São Paulo... Tem havido no Brasil um movimento no sentido de incorporar essas inovações. Algumas já entraram bem, outras ainda estão engatinhando.

“Pesquisas mostram que os alunos das escolas com essas novas abordagens têm raciocínio clínico melhor. Então, conseqüentemente, o diagnóstico deles é melhor”

Quais as regiões, os países modelos nesses novos sistemas de formação de profissionais de saúde?

A Austrália, a Inglaterra – especialmente no Norte da Inglaterra, as universidades de Manchester e Liverpool, a região da Escandinávia – Noruega e Suécia –, o Canadá, a África do Sul, a Indonésia...

Essas novas abordagens centram foco no desenvolvimento principalmente de quais competências?

Pesquisas mostram que os alunos das escolas com essas novas abordagens têm

um raciocínio clínico melhor. Então, conseqüentemente, o diagnóstico deles é melhor. Eles têm melhores habilidades de comunicação, são mais criativos, trabalham mais e melhor em equipe e apresentam um maior nível de aceitação desses cursos.


Nas últimas décadas, o progresso da Medicina e das áreas biomédicas tem se dado num ritmo muito acelerado. O que isso tem demandado na formação desses profissionais e na própria postura frente ao paciente?

É óbvio que o profissional de saúde precisa estar muito mais competente tecnologicamente, mas aí você tem o risco de o médico se reduzir a um mecânico de oficina. De fato, torna-se mais importante que ele seja treinado a ver o paciente como um outro ser humano.

Existem algumas especialidades em que essa questão da relação do médico com o paciente deveria ser mais enfatizada, em função do perfil do paciente ou da patologia?

Se você acredita que essa abordagem se resume ao relacionamento com o paciente, você poderia dizer que, talvez na saúde primária, isso seria mais importante e que, para um patologista ou radiologista, não teria tanta importância, porém eu acredito que esse tipo de treinamento melhora qualquer tipo de médico, independente do seu campo de atuação.

Pela experiência que tem na formação de profissionais de saúde, o senhor identifica muitas falhas da formação ainda na academia, da formação universitária?

Eu conheci uma escola de Medicina no Egito que tinha uma nova abordagem. Os alunos foram fazer um estágio num hospital que não tinha nada a ver com a universidade e os médicos botaram os estudantes pra correr, não queriam mais os estudantes no hospital porque os pacientes gostavam mais dos estudantes do que dos médicos. Os alunos estavam interessados nos pacientes e talvez os médicos não tinham tanto interesse. Essa é uma história muito, muito interessante. 

EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

DESENHO,
ROTEIRO,
COR E LETRAS
FELIPE LIMA





O CETREDE é uma instituição vinculada, desde a sua fundação, à Universidade Federal do Ceará e atua na realização de cursos de pós-graduação *lato sensu*, educação profissional e extensão. Além disso, administra projetos de pesquisa juntamente às instituições públicas e privadas bem como executa prestação de serviços, assessoria e consultoria.

Sempre apoiando as atividades acadêmicas da UFC, o CETREDE vem cumprindo um importante papel na formação e capacitação de profissionais, constituindo-se numa forma de socialização do saber gerado na instituição acadêmica.

CETREDE, há 44 anos promovendo cidadania.

A GENTE VAI LONGE PELO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE.

O Banco do Nordeste não mede esforços para melhorar a vida dos conterrâneos. Maior banco de desenvolvimento regional da América Latina, o BNB se diferencia das demais instituições financeiras porque tem os olhos voltados para o crescimento sustentável do Nordeste. Assim, gera empregos, expande o mercado interno e ajuda a construir uma nova realidade para os nordestinos. Para o BNB, promover a economia da Região é levar desenvolvimento para todo canto Nordeste. Até para aqueles lugares que quase não aparecem no mapa.

**Banco do
Nordeste**



Cliente Consulta | Ouvidoria: 0800 728 3030 | www.bnb.gov.br